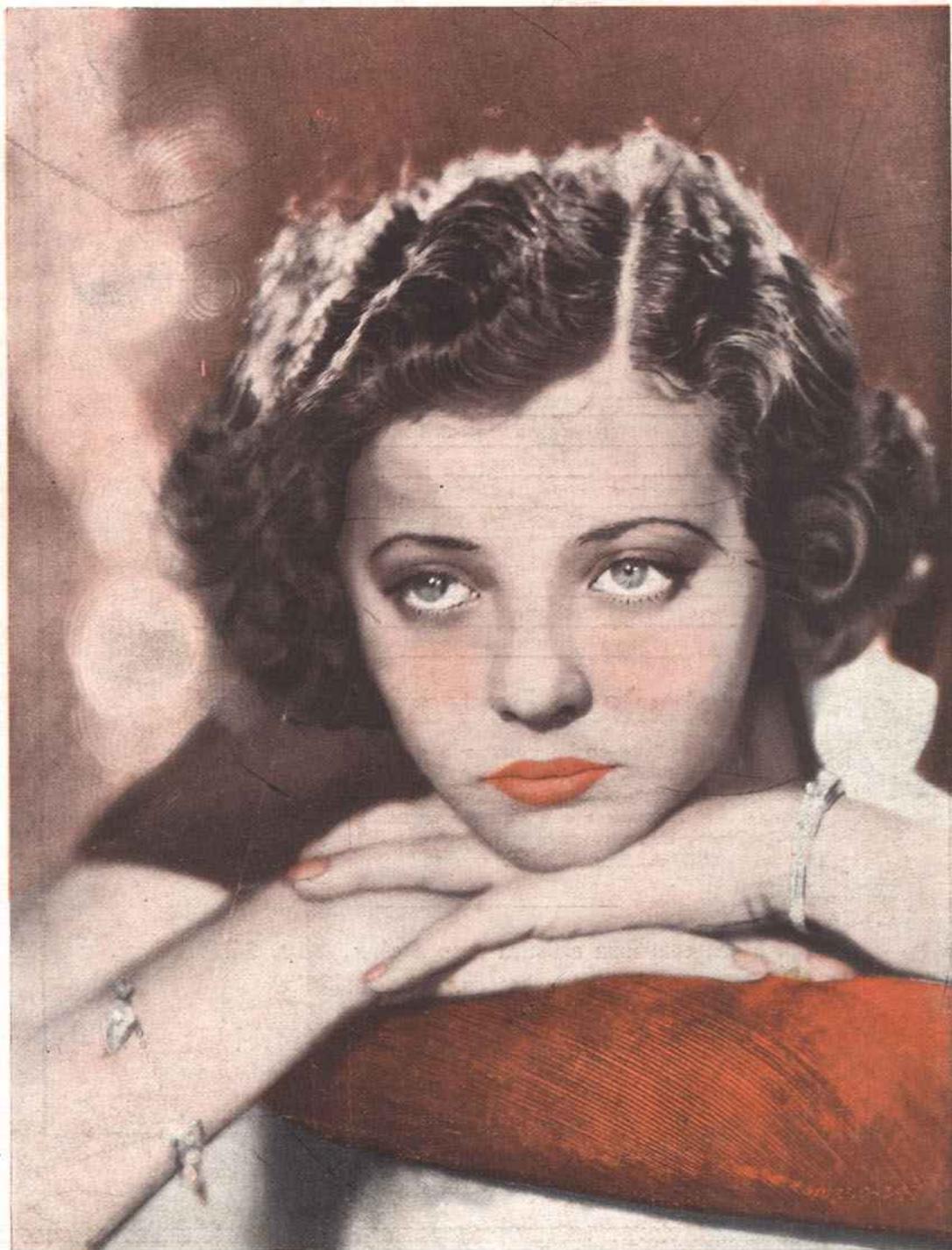


ILUSTRAÇÃO

N.º 194 — 9.º ano



Um grande sucesso de livraria

O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders
Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
voca tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar francesa nos dão o mais completo
significado político e militar do famoso livro:

A destruição de Paris em 1936

“Para melhor compreender a obra do major-aviador alemão Von Helders é necessário que o leitor faça determinadas transposições. É preciso corrigir — como na aviação — a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.

I vol. broc., com uma artística capa a cores, **esc. 10\$00**
Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 4.^a edição

Terras do Demo

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol de 312 págs, brochado..... **12\$00**

Encadernado..... **17\$00**

À venda em todas as livrarias



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	61\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado 10\$00
encadernado 15\$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 45\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL



**Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverizações, etc. — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tódas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de GUIDO DA VERONA

Dêste conhecido e apreciado escritor italiano vai brevemente a
LIVRARIA BERTRAND
 iniciar a publicação dos seus romances.

O PRIMEIRO A SAÍR É:

Mimi Bluette, flor do meu jardim

A SEGUIR:

A vida começa amanhã—Solta as tranças Maria Madalena e outros

Os livros de GUIDO DA VERONA, cheios de emoção, interesse e realismo, e que tem alcançado o maior sucesso em todos os países onde tem sido traduzidos, serão apresentados em português em magníficas traduções e com capas a côres.

Dirigir desde já pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
 crear e tratar se adoecer

1. vol. de 326 págs., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
 Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA

Saíu a nova edição

C A R T A S

de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
 Encadernado. 30\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA



Em tôdos os casos de dôres de cabeça, dôres de ouvidos, dôres de dentes e de outras dôres agudas, bastam dois comprimidos de Cafiaspirina para restituir o bem-estar.

Cafiaspirina



MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

Condutor de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

Livro muito útil

E

Repleto de gravuras

1 vol. encad. em parcalina

25\$00

Pelo correio, à cobrança

27\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:

— não pôde haver livro mais sacro da terra portuguesa, escrito com mais linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

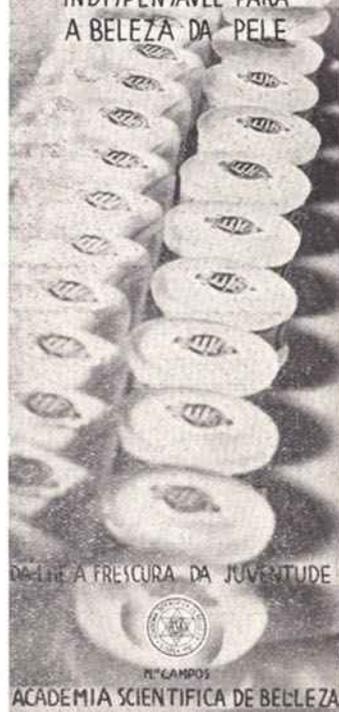
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DA LÍNEA A FRESCURA DA JUVENTUDE

R. CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

FARTOS de aturar os progressos mulatos, concebidos na ocidental praia, goza-se um prazer inefável quando a sorte concede alguma amostra de autêntica civilização branca. Parece então que se respira outro ar e se vê um sol diferente do habitual; o que nos cerca exprime sentimento desusado; até a linguagem adquire tom desconhecido a descrever o exposto à observação, surpreendida e maravilhada.

Essa impressão consoladora colheu-a o visitante ao percorrer as novas dependências do Instituto do Cancro, um destes dias dadas por prontas a servir. É um edifício destinado a receber doentes do terrível mal e a tratá-los com os meios únicos até agora reconhecidos por benéficos ao grande número de atacados. A singularidade do facto reside na maneira como se ordenou e executou o programa que consistia em procurar alívio aos enfermos, sem lesar os sãos, e em conceder a todos o conforto fisiológico e estético, para os sentidos, para a afectividade e o espírito, elemento grato aos seres que atingiram a plenitude da condição humana.

Admite-se que só uma fracção da raça branca da Europa e América chegou a este adiantamento, ignorado da mor parte dos portugueses, conhecido de quem concebeu e levou a termo a obra referida. O problema posto a quem o resolveu, exigia uma solução de ordem geral hospitalar, outra de segurança para quem ali trabalhasse ou residisse, a terceira de ordem económica que requeria parcimónia no custo da produção, a última, mais rara, que exigia graça e feição atraente a quanto se fizesse.

Há a testemunhar que tudo isto se cumpriu. O hospital oferece hospitalidade amiga. A moradia atrai, convida a ficar ao que dela careça. Desde a cama, ao utensílio, mobiliário, até às dimensões do compartimento, à cor das paredes, às aberturas iluminantes, à temperatura ambiente se palpa a existência prévia de uma ideia organizada, reflectida, inteligente, uma razão de ordem que se estudou antes de metê-la em prática. Para fugir às realizações de venêta divinatória que tanto maculam, em extensividade, a vida pública portuguesa, sugentou-se a análise demorada este quesito essencial: «O que pretendemos? Como havemos de querê-lo, quem há-de efectivá-lo, como há-de conseguir-se?» Só depois de amadurecido e concluso este trabalho de pensamento que demanda o conhecimento do fenómeno em si, quer dizer, o já conseguido por outros, primeiro dados a idêntico

CRÓNICA DÁ QUINZENA

labor, depois a consciência do lugar a que a obra se destina, foi que entraram a colocar pedra sobre pedra, seguros de as arrumarem no lugar definitivo.

Os modos e tempos do verbo conjugado no pequeno espaço de Palhavã pelo professor Francisco Gentil poderiam e deveriam servir de lição a quantos se acham investidos no cargo de conjugar qualquer verbo, ou verba da fonte nacional. O conceito, depois de penetrado com a clareza e intuição conveniente, presta e aplica-se a todos os sectores, mesmo os de maior amplitude, quer os de ordem física como espiritual. Trata-se por método equivalente o problema de hospitalização, como o de instruir o povo, alegrá-lo e diverti-lo, ou o de produzir e vender os frutos, de escolher a rede circulatória do país em estradas e caminhos de ferro.

Em qualquer das circunstâncias o tema se estende sobre a mesa, no papel, perante a carta geográfica, os índices da população, os recursos, as condições, os dados experimentais, depois os informes científicos, os estudos realizados, para dêsse vasto compêndio extrair o essencial ao acto profundo de dirigir o lápis na superfície immaculada que recebe letras e traços definitivos. Esse precioso serviço de arquitetura sempre nos faltou, e da carência nos provém a quantidade de obra gaga, fruste, incoordenada que temos distribuída pelo território nacional. Dispomos agora de um exemplar que sirva de expositor ao princípio enunciado, já é alguma coisa. Se possuímos o modelo de realização para dizer: «É assim que se procede, façam como ali se fez», resta apenas repeti-lo até conseguir que a conduta se generalize.

Basta que queiram dar-lhe atenção e aproveitar-lhe o bom ensinamento.

*

O Marquês mais a fera que lhe arranjaram para companhia continua enjaulado no alto da Rotunda. Se é para dali o transportarem a qualquer lugar escuso onde não possa assarapantar a população de Lisboa, fixa ou eventual, bem aventurados seremos. Se pelo contrário a gaiola desaparece e aquele horror fica ameaçando quem passa e

olha para o monstro, então mais nos valia um terramotozinho, limitado ao círculo entre vias, que engulisse a paspalhada de pedra e bronze, quasi concluída, no sítio erecta e nada lisonjeira para os brios desta mui leal e nobre cidade que o Tejo molha e não lava.

Agora que a Câmara deu o ser a uma Comissão de Estética Cidadina, esperemos que essa explique por meúdos a vantagem de conservar ou remover dali o mais aflitivo elemento decorativo de toda a urbs cõndita.

Bem castigada se encontrava já a Avenida com o «Garôto em ceroulas» o «Jogador de Chinquilho» e outras, para ali removidas, de-certo por falta de cómodo na abegoaria municipal.

Agora o Marquês com o seu jardim zoológico de leões, bois, cavalos e mais bichas, de que não se descortina a espécie, excede o limite da tolerância. Por isso se espera das bôças, escolhidas para regrar elegâncias, o juízo que, se mais não fôr, desagrade a meia dúzia de bôas almas com o gosto no seu lugar, a todo o momento inquietadas pelos semeadores de fealdade que o Fado lhes impõe. Venha quem comece a exercer crítica e ponha dique à invasão dos corruptores de todo o senso estético do povo. É tempo de pensar em educá-lo em vez de pervertê-lo. E esse trabalho começa pelos sentidos da vista e do ouvido, pondo-os em contacto com a beleza.

Não é com o Fado, nem com o Bêbedo do Chiado que iniciaremos o Portugal Maior, da retórica, nem o português melhor do simples senso comum.

*

O sistema alpedrinha, ou do conluio político-financeiro, criado e desenvolvido no século XIX, identificado e metido na cadeia no começo do século XX começa o ano de 1934 sob más auspícios.

A França que foi a grande madre do espírito animador da arte, recebeu mais um sôco no coração, dado pelo chefe do bando Staviski liquidado há dias com um auto-tiro na cabeça. Na pandilha descoberta aparecem homens de partido, eminências parlamentares, ou seja o braço político essencial à produção do negócio. Esperemos vê-los em breve acomodados entre ferros, como vai acontecendo aos discípulos que a escola formou em Portugal.

O dia de juízo chega para todos. Tarde ou cedo ninguém deixa de ser acordado pela trombeta.

Sejamos otimistas para termos alegria e acharmos a vida tolerável.

Samuel Maia.



Padrões bem patentes da sua generosidade e da sua sensibilidade artísticas, são os templos, os palácios, as pontes e outras maravilhas concebidas pelo gênio de Ludovices, de Ibarra, de Giusti, de Canavari, e pelo engenho de Manuel da Maia — o insigne General Brigadeiro e Engenheiro-Mór do Reino, que delineou o assombroso trabalho assim encarado, há mais de um século: "Uma das coisas de maior magnificência que, no gênero, se admiram, talvez em todo o mundo, é o Aqueducto das Águas Livres da nossa Lisboa, que excede os mais famosos, os quais são os de Génova, de Spoleto, de Caserta e de Roma. É uma das obras mais sumptuosas, não só da Nação, mas de todo o orbe, e tão singular a sua feitura, que bem pode servir igualmente por triunfo da mesma, que da magestosa idéia do Poderoso Rei Senhor D. João V, pois bastaria a sua excelência e esplendor, para ser acreditada por uma maravilha do Universo!"

D João V, que, como D. Manuel I, deixou a sua época, a sua magnanimidade e a sua arte, definida em tanta jóia do património nacional, foi um rei que tem jus a ser reabilitado.

Quem, isento de facciosismos, em um tratado da história portuguesa — anterior ao triunfo constitucionalista — consulte o seu reinado, tem de reconhecer que muito lhe deve a Pátria.

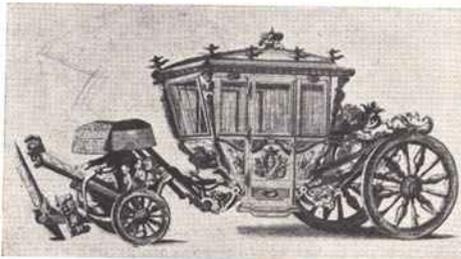
Nada há que mais conceitue um povo, do que a sua cultura; e poucos foram os soberanos que a souberam dar como esse rei lusitana, para a diminar, fundou a Academia Real da História Portuguesa, reorganizou o arquivo da Torre do Tombo, formou as Bibliotecas de Mafra e Coimbra, e as livrarias das Colegiadas de Alcântara e das Necessidades, assim como a Mariana, e estabeleceu, no seu convento de Mafra, a Aula de Risco, que veio inaugurar um período de renascimento, na arquitectura e na escultura nacionais.

Pretendendo sublimar as Letras, as Artes e as Ciências, e introduzir novos sistemas de ensino e técnica, enviou gente moça aos principais centros intelectuais da Europa, e mandou vir ao seu país, um escol de estrangeiros inteligentemente constituído por letrados, astrólogos, pedagogistas, arquitectos, engenheiros, escultores, músicos, artifices e outras profissões, conseguindo assim, por métodos até aí desconhecidos nos seus domínios, levantar o nível de todos os ramos da actividade nacional, circunstância esta que, depois, também permitiu fazer brilhar o reinado de seu filho D. José I.

nhor D. João V, pois bastaria a sua excelência e esplendor, para ser acreditada por uma maravilha do Universo!"

Foi também este o monarca que, por muito prezar os nobres sítios de Belém, tão assinalados pelas nossas gloriosas naus das Conquistas, adquiriu, na rectaguarda de um largo roscio junto ao famigerado Tejo, onde, em tempos de D. Sebastião, se exercitaram os esquadrões perdidos em Alcácer-Quibir, um grupo de floridas vivendas, para aí edificar a sua Régia Casa de Campo, na qual, no seu principal anexo, e no Picadeiro Real — aparatosamente decorado, na regência de D. João VI, pelo arquitecto italiano Jacomo Azzulini — a senhora D. Amélia de Bragança — veio a organizar, com suprema arte, o Museu Nacional dos Coches, que excede os reputados similares de Viena, Madrid e Versalhes, e em que, a par de ricas librés, custosos arreios e magníficos coches, se veem as três surpreendentes carroças de gala com que, na sua célebre Embaixada à Curia Romana, esse muito Alto, muito Poderoso, sempre Augusto, Inclito, Magnânimo, Pio, Justo, Clemente, Pacifico, Sábio, Invicto e Fidelíssimo Rei de Portugal, assombrou a Europa!

Agora que, por iniciativa do arqueólogo e publicista Luiz



O coche onde viajaram os abades da Embaixada

A propósito do cortejo histórico de viaturas

Os fastos Joaninos

Pastor de Macedo, ilustre edil do Município Olissiponense, no cortejo histórico de viaturas, certamente, pelas ruas de Lisboa, vão rodar algumas das carruagens aí expostas, vem às mil maravilhas reproduzir passagens extraídas do "Elogio Fúnebre e Histórico de D. João V.", por Francisco Xavier da Silva, Protonotário Apostólico de Sua Santidade, e Ministro da Curia Patriarcal e do Tribunal da Nunciatura:

"Se fôsse permitido lembrar-se na morte, os gostos e glórias da vida, eu descrevera as vistosas e riquíssimas armaduras que adornaram as ruas, e os arcos belíssimos e custosos, por onde triunfou o amor dos Reais Desposados, nas entradas de uma Rainha e de uma Princesa, que também hoje logra esta Real Dignidade; e nada invejando a pompa dos que a antiga Roma armava para obrebrear a glória dos vencedores, não só excediam na grandeza e primor, mas ainda no objecto; porque estes se ergiam, conquistados os corações dos Vasallos pelos seus Reis e Príncipes, e aqueles, por memória das mortes e misérrias dos vencidos..."

... Se fôsse indispensável em um Elogio Fúnebre referir estes festejos, eu contaria as invenções prodigiosas do fogo artificial, que se fizeram na entrada da Sereníssima Senhora Rainha D. Maria Ana de Austria: os etnas ardentés, os cisnes puxando pela carroça de Vénus, as fragoas de Vulcano, não horrorosas, mas deleitáveis, sem soar o estrondoso eco dos metais batidos à violência dos martelos, mas refinando as vozes das músicas mais acordes..."

... Eu contára os espectáculos dos touros, mais agradáveis pela magnificência dos combatentes, do que pela fúria dos brutos, que nêles acabavam pelo ferro dextramente vibrado: então mais que nunca aceites pelo motivo, e iteis à República, pois se quebraram tantas cadeias de escravidão, para se retribuírem à liberdade de que gemiam com ela..."

... Eu referira aquela nobilíssima jo-

nada que franqueou a vista de dous poderosos Reis, duas Augustas Rainhas, quatro Príncipes, e muitos Infantes. A comitiva era ilustre e numerosa. Brilhava o ouro, resplandeciam os diamantes, e não havia Portuguezes que, observando os magestosos influxos do Sol Lusitano, se não visse com reflexos brilhantes dos mais lúsidos metais que lhe adornavam os vestidos, e as mais excelentes galas; e como contendia o gosto com a magnificência, ainda que pareciam iguais os partidos, sempre, com tudo, levava a alegria a primazia..."

... Quando se viu mais soberbo o rio Caia, senão na ocasião em que deu sítio às Magestades e opulências de dous Reinos, ostentando-se recopilada a grandeza e glória de todo o Mundo, pois se não viu, em todo êle, acto mais lúcido, rico e portentoso, que no dia em que foram as primeiras visitas?...

... As galas, e tudo o mais que se via, eram em grande número, e tudo recamado de ouro e prata, fazendo soar mais o nobilíssimo aparato, os harmoniosos ecos de vinte e quatro trombetas e atabaleiros da Casa Real Portuguesa, todos os vestidos de veludo carmesim apressado de galões dourados. Emfim, nada pode formar a ideia, que seja precioso e de bom gosto, que se não admirasse no Caia..."

Frei José da Natividade, na sua "História Panegírica dos desposórios dos Fidelismos Reis de Portugal", indica assim a ordem com que as Pessoas Reais seguiram de Elvas para essa localidade fronteiriça, em 19 de Janeiro de 1729, para recíprocas entregas e desposórios de filhos de Filipe V, de Espanha, e de João V, de Portugal:

"Mais de quarenta coches, e berlindas de Títulos, tirados a seis frizões, e todos seguidos de grande número de criadagem, riquíssimamente libreados, e não menos de corseis à dextra, cobertos de telizes magníficos, abriam o imenso cortejo..."

... Logo proseguia: Uma partida de

quinze cavalos, comandada por Alleres; — vinte e quatro Trombeteiros e Atabaleiros de El-Rei D. João, pomposamente vestidos de veludo encarnado agalado a ouro, com trombetas de prata; — seis cavalos de mão, do Duque de Cadaval, Estrebeiro-Mór; — dezasseis cavalos de mão dos Senhores Infantes D. António e D. Francisco, cobertos com telizes de veludo verde com bordadura de ouro e prata; — trinta e seis cavalos de mão de El-Rei, e do Sereníssimo Príncipe do Brasil, com jaezes bordadas de prata e guarnições de ouro; — uma partida de quinze cavalos, comandada por um Tenente; — doze postilhões do Gabinete, fardados de pano escarlate com guarnições de alamares de prata; — três Sotas-cavaliários; — um coche dos moços da Guarda-roupa do Senhor Infante D. António; — um coche dos moços do guarda-roupa do Senhor Infante D. Francisco; — uma berlinda do Confessor e médico da Senhora Rainha; — uma dos Padres que acompanham a El-Rei; — uma dos moços da Guarda-roupa; — uma do Corregedor do Crime da Côrte e Casa, e do Padre Martinho de Barros, Confessor de El-Rei; — um coche dos Camaristas do Senhor Infante D. António; — um coche dos Camaristas do Senhor Infante D. Francisco; — uma berlinda dos Veadores da Sereníssima Princesa das Astúrias; — uma do seu Estrebeiro-mór, e Mordomo-mór; — duas de Veadores da Senhora Rainha, e moços-Fidalgos; — uma do Estrebeiro-mór da mesma Senhora; — uma dos Veadores de El-Rei; — uma dos moços-Fidalgos do mesmo Senhor; — uma do Estrebeiro-mór, e de alguns Gentis-homens da sua Camara. (Todas estas carruagens iam tiradas a seis cavalos).

... Formando a cauda, rodavam: Um coche de respeito, do Senhor Infante D. António; — um, de respeito, do Senhor Infante D. Francisco; — um, de respeito, da Senhora Princesa das Astúrias; — um, de respeito, do Sereníssimo Príncipe do Brasil; — um, de respeito, da Senhora Rainha, precedido do seu Estrebeiro-menor, a cavalo; — um, de respeito de El-Rei, precedido do seu Estrebeiro-menor, a cavalo; — um da pessoa do Senhor Infante D. António; — um da pessoa do Senhor Infante D. Francisco; — um das Sereníssimas Senhoras, Rainha de Portugal e Princesa das Astúrias; — um, em que iam El-Rei, o Sereníssimo Príncipe do Brasil, e o Senhor Infante D. Pedro, tirado por oito grizões e seguido de



Filipe V, de Espanha, que se encontrou na Casa, com D. João V, de Portugal, para recíproco desposórios dos filhos

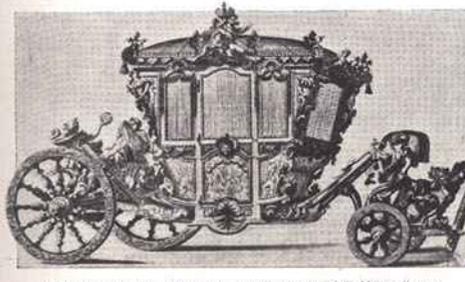
sete berlindas, com as Camareiras-Móres Moças do Açaite e Câmara e outras Senhoras, cento e trinta seges da Família da Casa, e de vinte e cinco Moços de Estrebeira, a cavalo, e pomposamente vestidos...

... Cobria esta tão aparatosa comitiva, um corpo de quinhentos cavalos, que vieram de Lisboa, de guarda de Suas Magestades, com quatro Esquadrões na retaguarda de todo este cortejo..."

Como já dissemos algures, ficaram também gravadas com letras de ouro nos anais da época, as famosas embaixadas com que o fausto D. João V, deslumbrou as côrtes europeias.

Celebre foi aquela a Viena, no ano de 1708, em que o Conde de Vilar-Maior, foi pedir a mão, para o seu Rei, da linda Arquiduquesa da Austria, D. Maria Ana; como esplendidas foram, igualmente, a de Paris, em 1715, a de Roma, em 1716, e a de Madrid, em 1728, por tal maneira surpreendentes, que levaram um cronista do tempo, a dizer: "Que larga narração faria, se houvesse de referir a grandeza de qualquer destas funções nobilíssimas? O custo e riqueza das librés, a magnificência inexplicável dos coches, a numerosa comitiva e nada faltou, que se precisasse fazer mais luzida a pompa: os tissus faziam realçar os veludos, e os galões de ouro e prata adornavam tôdas as preciosidades das galas. E sendo todas estas embaixadas singulares, basta para em pouco explicar a pompa e esplendor das que se deram no reinado do Senhor Rei D. João V, dizer que, a do Conde da Ribeira foi uma das mais pasmosas que houve na côrte de Paris; pois até para imitar os antigos Príncipes, que queriam fazer mais gostosas ao povo as suas funções, com as moedas que lhe espalhavam, lançou quantidade de medalhas de ouro e prata pela multidão estupefacta; e a do Conde das Galveias foi tão pasmosa, que não a viu

(Continua na pág. 36).



O coche onde viajou o embaixador extraordinário André de Melo e Castro

UMA GRANDE CATASTROFE

O trágico choque de comboios de Lagny-Domponne que causou 220 mortos e mais de 300 feridos

Foi na noite fria e brumosa da véspera de Natal. Um comboio repleto de passageiros avança, através da névoa para o seu destino. Todos os que nêle viajam antegozam já os prazeres duma festa familiar que dentro em pouco os vai reunir a outros entes queridos que os aguardam com ansiedade. Quási todos tomaram lugar nêle para ir celebrar junto de parentes distantes a noite luminosa de 25 de Dezembro.

reduzindo tudo na sua passagem a um montão de destroços.

O trágico espectáculo que se seguiu não se descreve. É uma visão monstruosa de pesadelo. Sôbre a planície coberta de neve estão agora espalhados duzentos cadáveres, alguns dêles horrorosamente



Horas depois da catástrofe

Aumenta a cerração. Poucos metros adiante da locomotiva, a via está invisível sob uma camada espessa de nevociro. O farol não consegue já romper a treva esbranquiçada que envolve tudo. É num gesto de imprudente prudência, o maquinista faz parar o comboio que voava carregado de ilusões.

Poucos quilómetros mais atrás caminha veloz sôbre os carris de aço um outro comboio, o «rápido» Paris-Estrasburgo. Também êle conduz o seu carregamento de esperanças e sonhos. Também êle se destina a ir levar a muitos lares o conforto da presença dum ente querido.

Os dois comboios caminham na mesma linha e no mesmo sentido. Mas o primeiro deteve-se. É o «rápido» avança veloz, encurtando de segundo para segundo a distância que os separa. Só os sinais da via podem deter o monstro. Mas êsses não funcionam ou o nevociro cegou o maquinista. O desastre está eminente. À marcha do «rápido» ultrapassa 100 quilómetros por hora. Cada segundo que decorre são trinta metros de via galgados pelas suas rodas possantes.

Durante um minuto os passageiros do comboio parado na linha devem ter tido a noção do perigo que corria sôbre êles. Devem ter sentido a trepidação do monstro cego que se aproximava. Ouviram decerto o seu temeroso rugido.

Depois succedeu o inevitável. Tal como um gigantesco martelo impellido por forças titânicas, o «rápido» desabou sôbre o primeiro comboio. Sob o impulso do terrível choque, as cinco últimas carruagens estilhaçaram-se. A locomotiva penetrou até ao meio do comboio parado,

mutilados. Carruagens inteiras que momentos antes regorgitavam de gente, encontram-se convertidas em alucinantes montões de destroços donde pendem farrapos de carne. De entre êsses aglomerados de ferros torcidos e estilhaços de madeira partem gritos de dor, súplicas, uivos de agonia. Através do labirinto de destroços vagueiam vultos desvairados. São os sobreviventes que procuram entre os escombros o corpo, talvez retalhado, dum parente ou dum amigo.

Sôbre o solo gelado há membros esparsos, corpos decapitados, pedaços de carne enterados e palpantes que as equipas de socorro juntam penosamente com montanhas trágicas que atestam a passagem da morte.

Gritos dolorosos cortam o negrume da noite. São feridos e mutilados que imploram socorro, corpos esmagados entre as pesadas vigas de ferro que pedem um fim breve para



O estaço em que ficou, após o embate, o locomotiva do rápido Paris-Estrasburgo

os seus sofrimentos. Os salvadores redobram de esforços. Procuram a todo o transe romper aquela barreira de destroços que aprisiona os feridos. Trabalham as picaretas num concerto de pancadas sinistras.

E as cenas de horror sucedem-se. Aqui é um corpo pregado ao solo por uma lâmina metálica desprendida duma das carruagens destruidas. Além um outro a quem um estilhaço de vidro arrancou o couro cabeludo e que, escalpelado, implora uma morte rápida. Uma mãe encontrou o corpo de seu filho, procura afanosamente, entre os escombros, a cabeça do ente querido reduzida talvez a uma massa pastosa e informe. Um pai reconhece num corpo destroçado a filha que idolatrava. Na escuridão que a névoa povoa de imagens sobrenaturais, há seres humanos que deliram, tocados de súbita loucura.

É o pesadelo prolonga-se tôda a noite, envolto na bruma que os archotes dos grupos de socorro rompem a custo.

Foi assim que a morte se abateu de súbito sôbre dois comboios de passageiros despreocupados e felizes na noite fria da véspera do Natal, destruindo dum só golpe um mundo de ilusões e transformando um dia de festa num dia de luto.



O presidente Lebrun desfilaro perante os feretros das vítimas

Os cumprimentos ao Chefe do Estado no dia 1 de Janeiro

A tradicional cerimónia de cumprimentos ao sr. Presidente da República no dia de Ano Bom, teve este ano desusada imponência. Cerca de mil oficiais do exército e da armada estiveram no Palácio de Belém. Após os cumprimentos do Corpo Diplomático, o Chefe do Estado ofereceu um almoço íntimo aos srs. presidente do conselho e ministro dos Negócios Estrangeiros, ao qual assistiram apenas o pessoal da casa militar e civil do sr. Presidente da República e pessoal dos gabinetes dos ministros convidados.

À tarde, iniciaram-se os cumprimentos do elemento oficial e civil, estando o Chefe do Estado na Sala Luis XV, rodeado pelo governo e pessoal dos gabinetes.

Em primeiro lugar entrou na sala a magistratura. Seguidamente, desfilaram os membros do Supremo Tribunal Militar e a oficialidade da Marinha, do Exército, da G. N. R., G. F. e P. S. P.



Vicente de Freitas, Amílcar Mota, Domingos de Oliveira, Luiz Carrilho, Boaventura Ferraz, Eduardo Marques, Amílcar Pinto, Silva Basto, Bernardo do Canto, Lobato Guerra, Almeida Arez, Cesar

Instituto dos Pupilos do Exército e Instituto Feminino de Educação e Trabalho, de Odivelas.

Na segunda parte da recepção desfilaram os membros da comissão administrativa da C. M. L.,



Para se avaliar da imponência deste desfile, bastará ter em conta que, só do elemento militar, acorreram a Belém perto de 950 oficiais. Ali se viam, entre outros, os srs. almirantes Sousa Dias, Sarmento Saavedra, Sousa e Faro, Mendes Cabeçadas, António da Câmara e Wils de Araujo; comandantes das unidades surtas no Tejo e os directores dos diversos serviços da Marinha; generais Vieira da Rocha, Alves Camacho, Magalhães Ramalho, José

Pina, Teófilo da Trindade, Daniel de Sousa, Alexandre Malheiro e Farinha Beirão; brigadeiros João de Almeida, Joaquim Malheiro, Justo, Silveira e Castro e Magalhães Correia; comandantes e oficiais das diversas armas e serviços e delegações de alunos da Escola Naval, Escola Militar, Colégio Militar

directores gerais e altos funcionários. Compareceram também representantes dos organismos económicos e das Escolas Superiores, Universidades e corpos directivos da U. Nacional.



A POESIA PORTUGUESA

MEIA NOITE

O meu relógio de bronze,
Onde dança o minuete
Um par de amoroso geito,
Vem dizer-me docemente
Que é tempo de ir despertando,
Que é tempo de ir acordando
P'ra me alindar.
Já lá vem o meu amor.
— Olhos de água, côr do mar —
Tão senhores da minha vida,
Como a vaga branda e lenta
Que ampara a barca perdida.
Meia noite! Em volta estreita,
O par de amoroso geito
No meu relógio dançando,
Parece-me adivinhar
Coisas que fazem corar
E em que sem qu'rer vou pensando.
Olho p'ra o espelho, e então vejo
No lugar dos olhos meus,
Lá muito fito, a brilhar...
A expressão dum outro olhar
Dessa côr que têm os teus.
E no relógio de bronze,
O par de amoroso geito,
Torna a girar, a girar,
Sempre prêso ao meu olhar
Como qu'rendo adivinhar
O que escondo no meu peito.
Meia noite. Brilham estrêlas
Envolvendo a terra inteira.
Deus achou esta maneira
Da sua benção nos dar...
Meia noite, hora suprema.
A vida inteira suspende
O meu relógio de bronze
Que as doze horas já bateu.
Brilham no céu as estrêlas!
Que inveja posso ter delas
Se em meu olhar, brilha o teu!
No meu relógio de bronze,
Onde dança o minuete
Um par de amoroso geito,
Todo o ruído cessou.
É tempo de ir acordando
A luz do sol vem brilhando
E o meu relógio, parou.

Alice Ogando.

CANTIGA

*Non chegou, madr', o meu amigo,
e o'jest o prazo saído!
ai, madre, moiro d'amor!*

*Non chegou, madr', o meu amado
e o'jest o prazo passado!
ai, madre, moiro d'amor!*

*E o'jest a prazo saído!
Por que mentiu o desmentido?
ai, madre, moiro d'amor!*

*E o'jest o prazo passado!
Por que mentiu o perjurado?
ai, madre, moiro d'amor!*

*Por que mentiu o desmentido
pessa-mi, pois per si é falido.
ai, madre, moiro d'amor!*

*Por que mentiu o perjurado
pessa-mi, pois mentiu a seu grado.
Ai, madre, moiro d'amor!*

El-Rei D. Deniz.

(Cantiga n.º 169 do Cancioneiro da Vaticana e n.º 566 do Cancioneiro Colocci-Brancuti).

Não vem quem me trás penando
e as horas vão-se passando...
— Ai, mãi, que môrro d'amor!

Não chega o meu bem-amado
e é hoje o dia marcado!...
— Ai, mãi, que môrro d'amor!

E as horas vão-se passando...
Só quiz mentir, abalando!...
— Ai, mãi, que môrro d'amor!

E é hoje o dia marcado...
P'ra quê tanto amor jurado?...
— Ai, mãi que môrro de amor!

Só quiz mentir, abalando...
Condenou-se, condenando!...
— Ai, mãi, que môrro d'amor!

P'ra quê tanto amor jurado
se era de caso pensado?...
— Ai, mãi, que môrro d'amor!

Silva Tavares.

Neste começo do ano apareceram dois livros de versos preciosos: «Canções da vida e da morte» de Alice Ogando e «Bailia de amor» de Silva Tavares. São duas obras notáveis. A primeira, revela mais uma vez a sua grande inspiração poética, dando-nos poesias onde ressaltam versos de finíssimo recorte literário e o segundo — que é um consagrado poeta da nossa terra — dá-nos, numa perfeita interpretação algumas das mais lindas cantigas de amor de que estão polvilhados os cancioneiros da Vaticana e Colocci-Brancuti. Actualizou em magníficos versos singelos e límpidos essas trovas maravilhosas da poesia primitiva portuguesa. Nesta página damos a poesia «Meia noite», arrancada ao acaso do livro de D. Alice Ogando e uma «Cantiga d'amor» de D. Deniz, que Silva Tavares interpretou em impecáveis tercetos.

CINEMA SONORO

Há vinte e sete anos que se realizou no nosso país o primeiro fonofilme em língua portuguesa

A GORA que, mercê de variadas circunstâncias e de esforços mais ou menos

bem coordenados, o fonocinema começa a ser um facto em Portugal, vale a pena recordar as suas origens modestas que no nosso país remontam a perto de vinte e sete anos. Foi

de facto cêrca de 1907 que se realizou em Lisboa a primeira filmagem com registo de sons. De quanto essa iniciativa tinha de temerária para a época pode fazer-se ideia sabendo que só em 1894 Edison tentára a primeira ligação dos seus dois inventos, o kinetografo e o fonografo, e que os seus aparelhos, muito rudimentares, melhor se poderiam considerar curiosidades do laboratório do que aparelhos de aplicação prática.

O primeiro aparelho que realizava um sincronismo aceitável foi criado em 1902 pelo grande precursor francês Gaumont que lhe deu o nome de cronofone. A experiência realizada no nosso país efectuou-se, portanto, apenas cinco anos depois da aparição dêsse invento.

Reproduzimos nesta página uma curiosa fotografia que não hesitamos em classificar de histórica e que supomos ser o único documento existente sôbre essa longínqua tentativa.

O local da filmagem foi o pátio dum edificio situado na rua da Palma. Os audaciosos empreendedores, dois nomes que merecem ser recordados, foram João

Freire Correia, então proprietario da fotografia Londres da rua das Chagas, e Manuel Cardoso.

O cinema tentava êstes dois espíritos jovens e activos. Conhecendo a fundo a técnica do seu tempo realizaram uma das primeiras películas filmadas em Portugal e que foi intercalada entre duas cenas da revista «Ó da Guarda».

Era pouco, mas o resultado animou-os. Algum tempo depois, filmaram os exercicios dos nossos regimentos de cavalaria e venderam cópias dessa película para quasi todos os países do mundo, entre os quais o Japão.

Foi então que lhes ocorreu realizar o primeiro fonofilme em português. Apesar dos inventos de Gaumont e Edison a sincronização não entrára ainda no domínio da exploração prática. Assim, os jovens cineastas tiveram de improvisar tudo. João Freire Correia conseguiu, no entanto, obter um sincronismo rigoroso

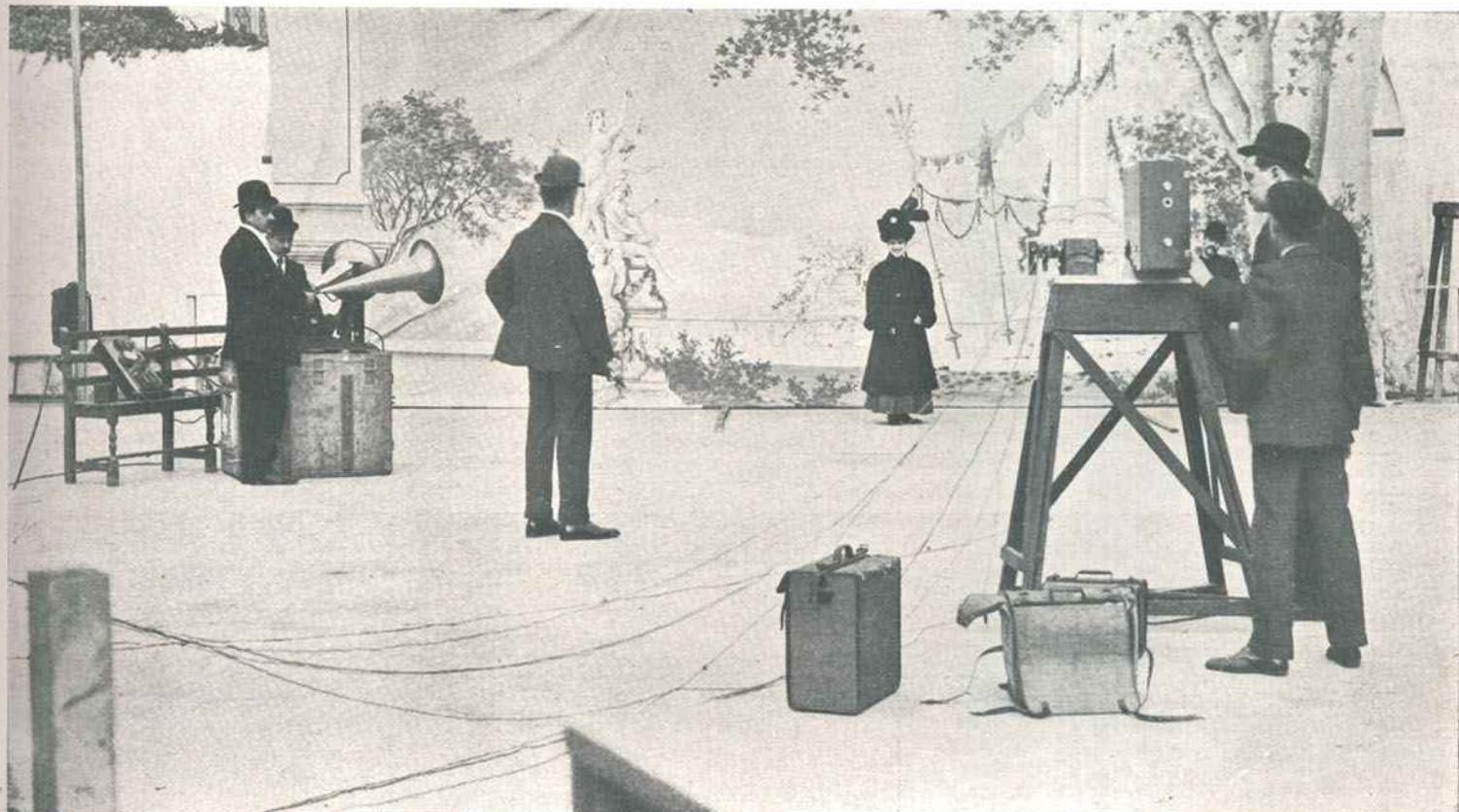
ou quasi, ligando a câmara de filmagem e o aparelho de gravação a dois motores eléctricos que trabalhavam a velocidades iguais. O resultado obtido, atendendo aos recursos técnicos da época podia ser considerado notável.

Com essa aparelhagem rudimentar se realizou por volta de 1907 a primeira filmagem sonora, no já citado pátio da rua da Palma. Foi «estrêla» dessa película falante a actriz Júlia Mendes. Em frente a velhos cenários teatrais, rodeada pelos maquinismos pouco complexos do tempo, a saudosa artista cantou uma das canções então em voga, «A grisette», com aquela vivacidade e alegria gaiata que os seus contemporâneos lhe conheceram e admiraram.

Tal foi em resumo essa primeira sessão de filmagem sonora em Portugal. Não dúbuidamos de que os autores da tentativa, Freire Correia e Manuel Cardoso, devem ter sentido ao pô-la em prática a grande emoção dos precursores quando abrem novos horizontes e rasgam uma senda para o futuro.

Êste episódio, talvez pouco conhecido, da história do cinema sonoro em Portugal merecia ser recordado, e com êle os nomes dos que o puseram em prática. Foi êsse o intuito que nos guiou ao escrever estas linhas e ao reproduzir esta gravura, agora que o cinema falado em língua portuguesa começa a ser uma realidade de que é legítimo orgulharmo-nos.

Há 27 anos... Júlia Mendes — a célebre cantadora de fados — está sendo filmada por João Freire Correia e a sua voz, registada, em sincronização, por um fonografo



O TERCEIRO... EM TODO O MUNDO

O hidro-avião sem motor

construído pelo engenheiro Varela Cid fez experiências de altura sôbre o Tejo

No Centro de Aviação Naval realizaram-se há dias as experiências oficiais dum hidro-avião sem motor construído pelo engenheiro Varela Cid.

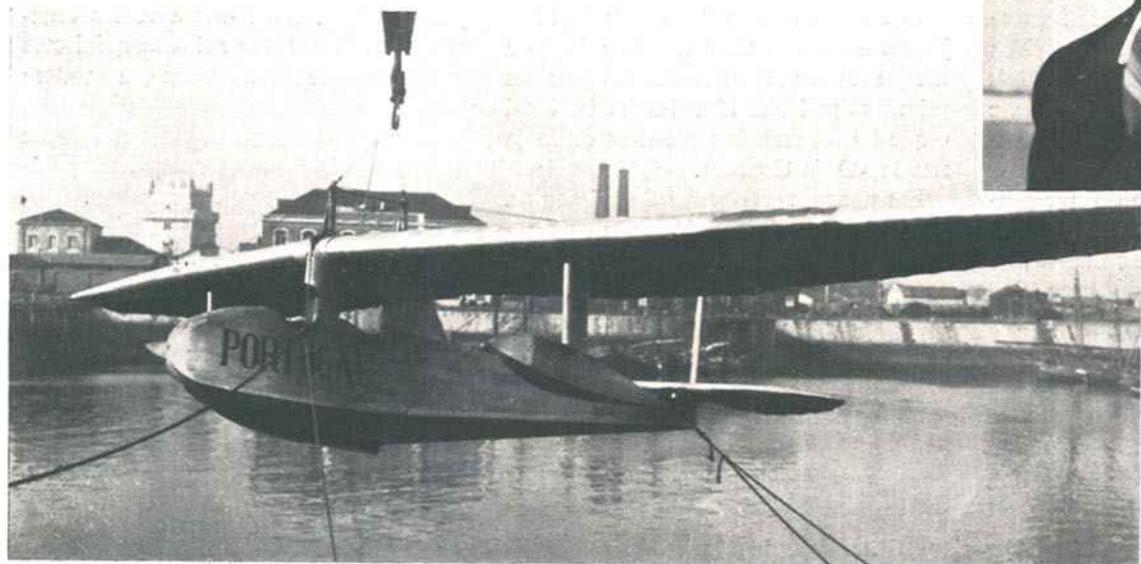
O aparelho — que pesa 180 quilos e mede 19

metros de envergadura, e, como se verificassem correntes aéreas ascendentes, subiu mais alguns metros, indo depois amarrar para cima de Santos. Quando foi solto de bordo do avião o cabo de reboque,



O construtor do hidro-avião sem motor sr. engenheiro Artur Varela Cid

Ao lado — O avião «Portugal» na doca do Centro da Aviação Marítima



metros de envergadura — é o terceiro, no seu género, construído em todo o mundo. Tem o nome de *Portugal* pintado na fuselagem.

As experiências, realizadas de manhã, assistiram os srs. director da Aeronautica Naval, comandante Pedro Rosado, primeiros tenentes Neves Ferreira e Namorado, respectivamente primeiro e segundo comandantes daquele Centro; comandante Sales Henriques, que tem acompanhado sempre, desde o seu início, as experiências do avião; alguns oficiais do Exército e da Marinha e pessoas de família do construtor.

Depois de retirado do hangar o *Portugal*, elevaram-se dois hidros-aviões da base, seguindo num o tenente Ferreira e noutro o 1.º tenente Namorado e o tenente Faria e Silva. Ao mesmo tempo surgia no espaço o avião n.º 9, do Aerodromo de Alverca, e, pouco depois, a avioneta vermelha do major Pinheiro Correia.

O *Portugal* foi rebocado para o meio do rio pelo barco a gasolina «Garajau», pertencente ao sr. Vasco Bensaude, que já tomou parte nas anteriores experiências, por ser o mais veloz que existe em Lisboa, e no qual seguiu o engenheiro construtor, pois o avião era pilotado pelo sr. tenente-aviador Paulo Viana.

Rebocado o aparelho até o Dáfundo, foi, ali iniciada, em grande velocidade, a tentativa de descolagem. Quasi defronte da Torre de Belem, e devido à grande velocidade alcançada, o cabo de reboque, que é de arame, partiu-se e enrolou-se na hélice do gasolina. O sr. engenheiro Varela Cid tentou, mesmo no rio, desprender o arame, pelo que mergulhou a cabeça na água. Como nada conseguisse, o gasolina do Centro de Aviação Naval rebocou, até à doca, o «Garajau», onde foi desenrolado o cabo da hélice.

Horas depois, pouco passava das catorze, recommençaram as provas, tripulado o aparelho pelo mesmo oficial-piloto e rebocado pelo mesmo processo, elevou-se, então, a mais de 140 metros. Quando foi

este mergulhou no rio e, prendendo-se no fundo, rebentou, devido à marcha do gasolina, não se podendo, por isso, efectuar mais experiências.

O tenente-aviador sr. Paulo Viana manifestou a sua excelente impressão do aparelho esperando atingir maior altura em novas experiências.

A tarde, os diagramas do altímetro que registou as alturas atingidas, foram devidamente selados e entregues no Aéro Club de Portugal, a fim de serem confirmados pela Federação Internacional de Aeronautica.

Quem é o engenheiro Varela Cid? Diz o nosso colega *Diário de Lisboa*:

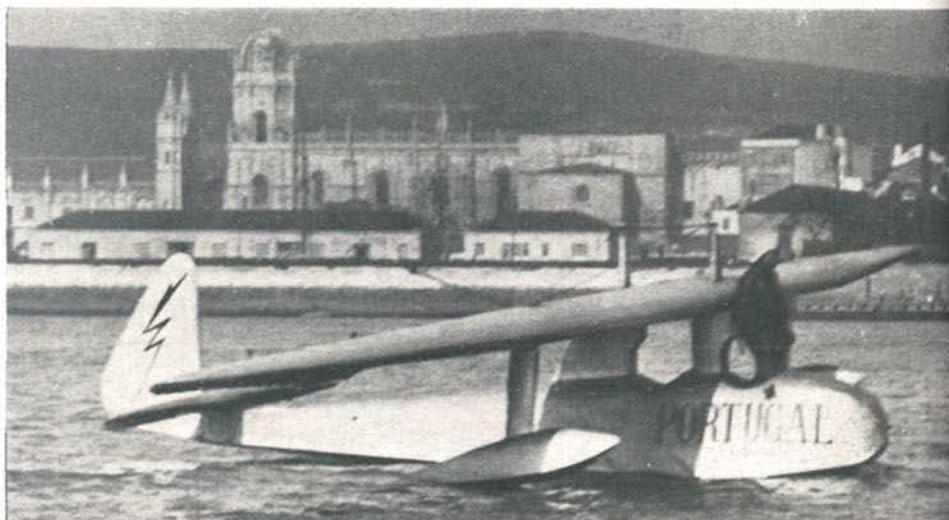
«Artur Varela Cid — jovem de 24 anos, irmão do maestro, do lavrador e do advogado que têm estes dois apelidos — foi educado no Colégio de Jesuitas de La Guardia, vindo completar o seu curso ao Instituto Superior Técnico de Lisboa. Desde pequenino que é um apaixonado da

aviação, passando horas e horas, na praça do Comércio, observando os vãos das gaivotas.

Logo que despontou a idade do avião sem motor, Varela Cid começou a estudar os processos seguidos pelos construtores estrangeiros. E, há quatro anos, tendo conseguido que sua mãe, a sr.ª D. Helena Varela Cid, lhe cedesse um barracão em Santa Apolónia, iniciou a construção dum hidro-avião sem motor, original — o terceiro tipo aparecido em todo o mundo.

O aparelho — que tem a coque em madeira, como a asa, que é revestida de tela e colocada sôbre a carlinga — é duma envergadura de 19 metros, pouco diferindo, no seu aspecto, dum hidro-avião com motor. O lugar do piloto é à frente, tendo outro atrás para o observador ou o passageiro.

O ano passado, o hidroplanador ficou concluído, e o seu inventor, tripulando-o, elevou-se a 30 metros de altura, na Povoia de Santa Iria, ante pessoas de família, e rebocado pelo gasolina do sr. dr. Emilio Infante da Câmara».



Momentos antes do hidro-avião sem motor levantar vôo. Na carlinga vê-se o tenente-aviador sr. Paulo Viana

A CEIA DO "FIM DO ANO" NO "AVIZ HOTEL"

CONSTITUIU, sem dúvida alguma, um verdadeiro acontecimento mundano, a ceia do «Fim do Ano» que se realizou no magnifico e vasto salão de mesa do «Aviz Hotel» — o novo ponto de reunião da nossa aristocracia. Na assistência figuravam as principais famílias da sociedade.

À última badalada da meia noite — que eram dadas por um relógio electrico — deu-se começo á ceia, cuja ementa era primorosa. Tanto a entrada



Cohen, D. Luiza Deslandes Blanch, D. Margarida Deslandes e filha, D. Laura Roquete, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filha, D. Inger Wiese e filhas, senhora de Cast Seixas e filha, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Ludovina Soares de Albergaria Deniz, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Isabel Ortigão Burnay de Almeida Belo e filha, D. Guita de Calheiros e Meneses, D. Josefina Morales de los Rios Froes; D. Palmira Lucas Torres, D. Carlota Cirne de Vasconcelos e filhas, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos Sousa Perestrelo,

do «pavão», como a do «porco vivo» foram aplaudidas por todos os que se encontravam na sala.

Dançou-se animadamente até ás quatro horas da madrugada. A direcção do hotel ofereceu ás senhoras presentes artisticos.

Pelas várias mesas estavam sentadas as sr.ªs:

Ministra de Noruega e sobrinha, ministra do Japão, ministra do México, marquesa do Cadaval, condessa do Corrobio, condessa de Carnide, condessa de Castro Marin, condessa de Sucena, D. Berta Ortigão Ramos, D. Elisa da Guerra Baerlein, D. Filipe de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento



D. Maud de Mendonça, D. Albertina de Mendonça da Costa Cabral, D. Maria Isabel de Avilez de Sousa Rego, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Sofia Bugzaglo Abecassis e filha, D. Maria Mexia de Betencourt, D. Maria Luiza de Seixas Arantes, D. Isaura Vaz de Araujo de Santana, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria Candida Cardoso Morais Pereira, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa, D. Maria Amélia Lucas Torres de Farinha, D. Maria Carlota de Saldanha Pinto Basto, senhora de Vasco Bensaude, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Gracinda de Castro Vaz de Araujo, D. Maria Teresa Burnay Verda (Mairos), D. Heloisa Maria da Cunha de Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria de Lima Mayer, D. Mateus dos Santos Tavares, D. Maria Luisa Mateus dos Santos, etc.

O NATAL

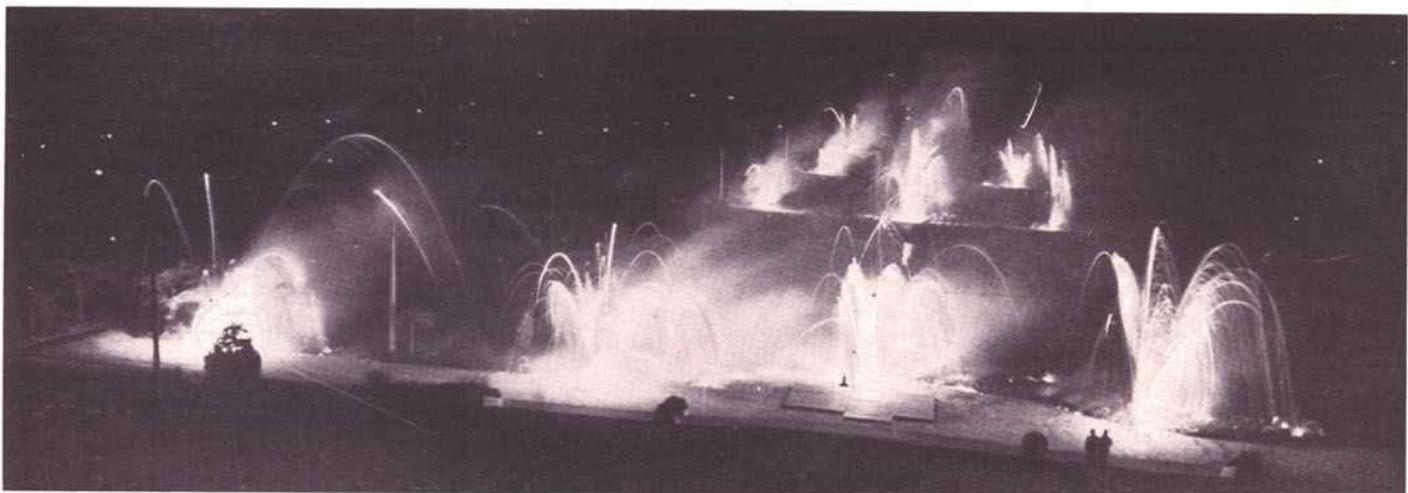
das crianças
e a "Noite
do Sonho Côr
de Rosa"
no Estoril



O Estoril — hoje considerado justamente uma das melhores estâncias de inverno de toda a Europa — marcou mais uma vez. As festas organizadas no Casino, tanto no Natal como no Ano Bom, bateram, como de costume, em alegria, riqueza e originalidade, todas as realizadas nos outros lugares públicos. O «reveillon» foi preparado, tanto técnica, como artisticamente, por pessoas competentes. A decoração da sala — sobre motivos côr de rosa e prata — estava sumptuosa. Todo o nosso mundo elegante ali se reuniu. Não havia uma mesa vaga. A ceia decorreu no meio do maior entusiasmo. À meia noite, as iluminações dos fogos de artifício encheram a sala dum luz intensa, emprestando-lhe um efeito feérico. Houve surpresas e muitos brindes. O baile, que terminou de madrugada, esteve sempre animadíssimo. Só num Casino, como o do Estoril, estas festas se podem fazer com grandiosidade. Por esta razão é que a sociedade elegante ali deu «rendez-vous». A noite de 31 de Dezembro para 1 de Janeiro chamou-se este ano «A Noite do Sonho Côr de Rosa». Como nessa noite, nas festas do Estoril, há sempre novidade, imprevisto, luxo, animação e deslumbramento.



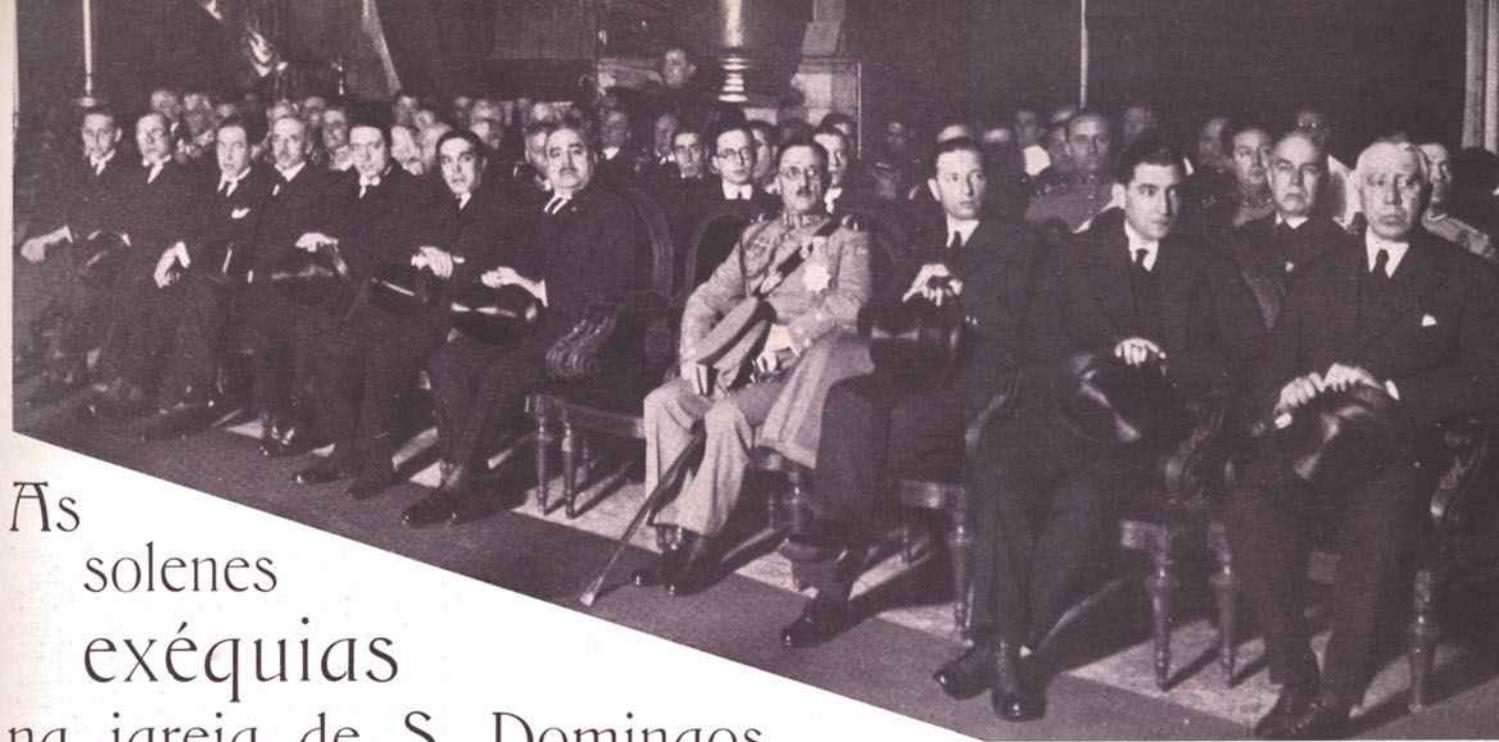
Uma enorme árvore de Natal, cheia de brindes e brinquedos, via-se no «halls» do Casino



Ao som da última badalada da meia-noite as iluminações dos fogos de artifício emprestaram ao Parque um efeito maravilhoso e deslumbrante



O lindíssimo salão-restaurante — decorado sobre motivos côr de rosa e prata — oferecia, na noite do «reveillon», um aspecto grandioso



As solenes exéquias na igreja de S. Domingos por alma do Núncio Apostólico

MANDADAS celebrar pelo sr. Cardial Patriarca efectuaram-se no dia 3, exéquias solenes em S. Domingos, por alma de monsenhor Beda Cardinale, Núncio Apostólico e decano do corpo diplomático em Portugal.

O vasto templo — decorado de grandes panos pretos e ouro e vendo-se ao meio armada a triplice eça fúnebre, rematada pela mitra e pelo báculo com cobertura de crêpes — estava repleto de fiéis.

À cerimónia devia assistir o Chefe do Estado que, por motivo de doença, se fez representar pelo chefe do Protocolo, sr. Luiz Barreto da Cruz.

Na capela-mór tomaram lugar: á esquerda, na primeira fila, os srs. presidente do conselho, ministros do Interior, Guerra, Estrangeiros, Obras Publicas, Colónias, Instrução, Comércio e Agricultura e sub-secretário de Estado das Corporações e Previdencia Social, tendo-se feito representar os srs. ministros da Justiça e da Marinha, respectivamente, pelos srs. dr. José Alçada Guimarães e almirante Saavedra. Também do lado do Evangelho, nas outras filas, tomaram lugar os srs. generais Silva Basto, Daniel de Sousa, Amílcar Pinto, José Vicente de Freitas, Domingos de Oliveira, Farinha Beirão, Vieira da Rocha e Alexandre Malheiro; tenente-coronel João Luiz de Moura, governador civil de Lisboa; coronel Lopes Mateus, comandante da Polícia de Segurança; dr. Castro Osório, director geral da Segurança Pública; coman-

dante Mata e Oliveira, representando o chefe do Estado Maior Naval; chefes e pessoal dos gabinetes dos ministros, etc.

Do lado da Epistola sentaram-se os srs. embaixadores de Inglaterra e do Brasil, ministros da Bélgica, Noruega, França, Itália, Alemanha, Polónia e América; encarregados dos negócios de Espanha, Chile, Checo-Eslovaquia, Holanda, Cuba, Argentina, Romenia e China.

À esquerda, junto do altar-mór, encontrava-se o sólio, onde tomou lugar o sr. Cardial Patriarca, sentando-se em sua frente os srs. arcebispo de Mitilene, Braga, Evora e Vila Real; bispos de Batarva, Leiria, Portalegre, Beja, Viseu, Algarve e Bragança, e, ainda, o sr. encarregado dos negócios da Nunciatura.

Às 11 horas prefixas, o sr. Cardial Patriarca dirigiu-se para o altar-mór, acompanhado pelo Cabido, tendo feito vénia ao passar em frente

dos membros do governo e do Corpo Diplomático.

Depois do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira ter ocupado o sólio, iniciaram-se as solenes exéquias, que foram celebradas por monsenhor dr. Pereira dos Reis, acolitado pelos beneficiados Vieira da Rosa e Cardoso. Serviram de presbitero assistente, o sr. cônego Manuel Anaquim, e de mestre de cerimónias, o sr. Honorato Monteiro, e empunhou a cruz o sr. padre Maia Loureiro.

As solenes exéquias começaram, então, num ambiente de grande imponência, acompanhadas por uma grande orquestra, da qual fizeram parte os primeiros solistas portugueses, e por um côro de alunos do Seminário-Maior de Odivelas.

Dirigiram o protocolo civil os srs. drs. Pinto Ferreira e Fontes Pereira de Melo.

O protocolo militar foi dirigido pelos srs. tenente-coronel Esmeraldo de Carvalhais e capitão Santana.

Os membros do governo, com excepção dos ministros da justiça e da marinha, assistiram, na capela-mór, a imponente cerimonia religiosa



O sr. Cardial Patriarca, sentado no trono, rodeado pelos conegos da Se

A coisa não muda. O homem e a mulher hão-de ser sempre pela vida fóra inimigos e amantes.

Ora um sóco, ora um beijo, uma carícia, logo um insulto; mas ligados um ao outro por exigências constitucionais não pôdem separar-se. É verdade que o beijo nunca é trocado pelas mesmas bôcas e que o sóco varia também de destino e de pulso.

E é por isso mêsmo que a luta não cessa e o amôr ségue triunfante também, apesar de tudo.

Se o homem fôsse obrigado a amar só uma vez na vida, já reinaria a paz êntre os sexos.

O aborrecimento viria da mesma fórmula e, como o amor não tivêsse rebêntos nòvos, às explosões de ternuras ou de cólera sucederiam os bocejos da indiferença, e a serenidade instalava-se nas almas.

Infelzimente o nosso coração, como recêptaculo de sensações amorosas, não têm fundo e tôdas as afeições, por mais que se lhe agarrem, sempre acabam por cair no olvido, que é o cemitério de tudo que por êle passa.

Agóra mêsmo andam os dois sexos em campo raso a atirar-se mútuamente golpes cada qual mais duro e certo.

A mulher tem-se empenhado em igualar o homem, mas o homem começa a querer também para si certas regalias...

Os húngaros, que são decididos e valentes em amor, como no resto, pedem que irmanem os seus direitos aos das mulheres, e quêrem, em caso de divórcio, têr a vantagem de uma pensão dada pela espôsa ingrata, logo que esta esteja em mais favoráveis condições monetárias.

Se, em caso idêntico, êles têm que pensionar a ex-consorte, porque, trocando-se os têrmos, não hão-de êles ter iguais direitos? Assim pensam os tziganos, os magos do violino, e não deixam de ter razão.

Se a mulher já não quer ser aquela criaturinha fragil, que só um amorôso amplexo ambicióna para incêntivo da vida, se ela quer ser homem á força, é justo que como homem se porte e tenha os mêsmos encargos que êle têm, e igualdade de tratamento.

Estou a vêr que ainda há-de aparecer a mulher-soldado, que é o que lhes falta a elas experimentar para saberem como é bom ser homem.

"Bom," dizem elas que é, porque só vêem nêlo o lado agradável — o amor, a liberdade de acção — sobretudo a liberdade de amar, quando quêrem e a quem lhes apetece.

Mas deixam no escuro a outra face — a

Inimigos eternos... ...eternos amantes!

da luta pela vida, as noites em claro passadas a pensar no pão de amanhã para os filhos e a companheira ou nas falcatruas em organização, para satisfazer os caprichos de uma amante que há-de levá-lo ao suicídio ou à cadeia.

Não avaliam os horrôres que os pobres passam nas trincheiras cheias de lama, tiritando de frio, comendo quando cálha, sob um barulho que endoidece, voltando de lá, quando voltam, muitos cegos, outros mutilados e ainda alguns to-



cados pela loucura.

Quando elas um dia conhecerem esta parte do "bom que é ser homem", depressa voltarão a fazer-se muito pequeninas e muito quebradiças, e então ser mulher há-de parecer-lhes uma delícia e chorarão lágrimas de sangue pelo paraíso perdido.

As mulheres da América do Norte, por seu ládo, exigem mais regalias ainda do que já têm.

Quêrem nada mênos que os seus maridos, de quando em quando, lhes levem á cama o cafésinho quênte, por êles preparado e que as ajudem nos trabalhos caseiros. E pedem mais que as convidem a jantar no restaurante, uma vez por semana.

A última aspiração é rasoável e justa.

Depois de algum tempo de casado, o espôso descursa a mulher, e não a leva a passeio e, se janta fóra de casa, é sempre com os amigos ou alguma conquista.

As verdades têm que dizêr-se, no bem como no mal.

É um péssimo processo, êste, porque a mulher, quando se vê posta de banda, perde o gôsto pela vida do lar e muitas vezes desnor-teia.

Portanto, um pouco de galanteria entre os casais é indispensável, para mantêr a bôa harmonia.

Querer que o homem se entregue, com conhecimento de tôda a gente, a trabalhos domésticos, é diminuir-lhe a sua funcção natural de protector e chefe da casa. Se o homem quizer auxiliar a mulher, por bondade, na sua lida, pôde fazê-lo e não lhe fica mal; mas que, isso não transpire para lá do ninho conjugal porque o colôca na dependência das más línguas, que não sabem diferençar se é por fraqueza ou generosidade que assim procede. Como é deprimente para a graciosidade da mulher, descalçar as botas ao marido e servir-lhe de criada, também rebaixa o homem entregando-se a ocupações femininas.

A esposa deve mesmo esconder de tôda a gente a infelicidade

de um marido pouco másculo, se lhe tocar por sorte um assim. Lá diz o tango argentino que "el hombre macho no debe llorar".

O homem que é bem homem, que é afinal o que quer dizer a famosa copla, não pode, não deve mostrar a mais ligeira debilidade na sua integridade moral.

O que as mulhersinhas americanas pretendem é dum mau gôsto deplorável.

Enfim, "con su pan se lo coman", como dizem "nuestros hermanos".

Inimigos eternos... eternos amantes... cá ficamos de palanque a gosar o espectáculo, que pouco varia: Mais um beijo, um sóco mais, uma traição agora, logo novos protestos de amor.

E não há mais nada. A mesma peça e os mesmos actores, sempre.

Mercedes Blasco.

Os "Pauliteiros" de Miranda

estiveram em Lisboa
a caminho de Londres

! Dançaram num teatro em Lisboa e depois no jardim de S. Pedro de Alcântara — onde se encontra instalado o Parque Infantil — os pauliteiros mirandeses. Trata-se dum grupo de doze homens, que dançam ao som duma gaita de foles e de tamboril. Executam a célebre «dança dos paulitos», que só uma vez, por ano, é exibida, em frente da capela de Santa Bárbara, em Miranda. Os camponeses usam trajos regionais: saiote branco, com rendas, e lenço grande, de cores berrantes, ao pescoço. A bordo do «Astúrias», os «pauliteiros» seguiram directamente para Londres, acompanhados do sr. dr. Raul Teixeira, director do Museu Regional de Bragança,



A exibição em Londres do grupo de «Pauliteiros» de Miranda, realizou-se no dia 3 deste mês, no «Cecil Sharpe House», sede da «English Folk Dance and Song Society», perante uma erudita e selecta assistência e de personalidades de alta categoria do corpo diplomático português e brasileiro, bem como do «Foreign Office». O êxito obtido foi brilhante. A iniciativa da ida do grupo à grande capital inglesa deve-se à «Casa de Portugal» em Londres.



Uma iniciativa simpática

O «Monte dos Pobrezinhos»

Por iniciativa do jornal *Diário de Notícias* realizou-se há dias, nas ruas de Lisboa, junto dos postos dos polícias sinaleiros, o «Monte dos Pobrezinhos». Ao pé de cada guarda de trânsito, crianças e velhos dos azilos, agradeciam as dádivas. Pouco a pouco, os montes aumentaram e pela tarde, principalmente na praça Luiz de Camões, rua Garrett, praça do Comércio, Corpo Santo, rua Augusta, Restauradores e Avenida da Liberdade, os postos estavam transformados em verdadeiros armazéns de géneros alimentícios, objectos de vestuário, serviços de louça, garrafas de vinho, camas, etc. Para o bom êxito da iniciativa muito concorreu o bom coração do povo lisboeta, de muitas casas comerciais e a colaboração dos agentes da autoridade. Os donativos, centenas de volumes, encontram-se nos armazéns da esquadra de Santa Marta, sede da Polícia de Trânsito.



Vários aspectos que ofereciam às locais destinadas aos «montes» na parte baixa da cidade. Em baixo, à esquerda, vê-se o armazém da esquadra de Santa Marta onde estiveram recolhidos os donativos até serem distribuídos pelas casas de beneficência de Lisboa

UM HOSPEDE ILUSTRE

LLOYD GEORGE

visita o nosso país onde vem colher elementos para o segundo volume das suas memórias

ENCONTRA-SE no Estoril, acompanhado de sua família, o eminente político britânico David Lloyd George.

O popular estadista chegou a Lisboa no dia 9 do corrente a bordo do «Andalucía Star». Aguardava-o um grupo numeroso de jornalistas a quem Lloyd George expôs, risonho, o fim da sua viagem — gozar umas férias e trabalhar no segundo volume da sua obra. «Twenty five years — 1892-1916». Haverá nesse livro importantes referências ao nosso país, visto que abrange o período da nossa participação na guerra. Assim, a viagem de Lloyd George tem ainda o fim de colher elementos para a elaboração do seu trabalho.

Disse ainda, ter escolhido o Estoril, seduzido pela fama crescente dessa estância de vilegiatura. E mais tarde, no momento de entrar para a sala de jantar do Palacio Hotel, voltou a afirmar-nos a sua satisfação por ver que as belezas do Estoril correspondem de facto à intensa publicidade que lá fóra está sendo feita.

A passagem de Lloyd George pelo nosso país é um acontecimento de incontestável interesse. O conhecido estadista britânico é uma das personalidades mais populares em Inglaterra e até no mundo inteiro.

Advogado de profissão, iniciou a sua carreira política aos vinte e sete anos fazendo-se eleger para a Câmara dos Comuns. Orador ardente, o que se atri-

bue à sua ascendência bretã, conseguiu dominar desde logo essa assembleia que reconheceu nele um político hábil e vigoroso.

Evidenciou-se particularmente durante a guerra. Deve-se-lhe, em grande parte, a entrada da Inglaterra no conflito, que salvou a França duma derrota muito provável. Isso não obsta, porém, a que manifeste hoje sentimentos hostis à França como o provam claramente as seguintes frases dum artigo da sua autoria publicado em «Le Mois»:

«O único perigo de guerra, num futuro imediato, só poderia vir dum «ultimatum» da França à Alemanha, exigindo a dissolução das organizações de «camisas castanhas», «ultimatum» que seria acompanhado, para o caso de recusa, duma ameaça de ocupação da Renânia».

Por outro lado, Lloyd George não oculta as suas simpatias pela Alemanha de Hitler, cujas pretensões de rearmamento aceita e justifica.

Na plena posse das suas admiráveis faculdades de inteligência, apesar dos seus setenta e um anos, Lloyd George passa, porém neste momento, por uma fase de acentuada decadência política. As evoluções da política britânica, reflectindo as tendências universais da nossa época, estabeleceram a distinção nítida entre direitas e esquerdas. Dum lado ficou o Partido Conservador, do outro o Partido Trabalhista. Lloyd George, chefe do Partido Liberal, de

tendências moderadas, sofreu as conseqüências deste movimento. Entre duas legislaturas o seu partido perdeu um número considerável de assentos na Câmara. Tais proporções assumiu a derrota que os humoristas ingleses se apoderaram do caso. Um deles fez publicar um de-



Lloyd George, ao tomar o automóvel que o conduziu ao Estoril, sorri para a objectiva

senho em que se representava Lloyd George almoçando com seu filho e sua filha, tendo por baixo o seguinte irónico comentário: «Assembleia geral do Partido Liberal».

Outro factor contribuiu para a decadência política de Lloyd George. O repúdio, tanto em Inglaterra como no resto do mundo, das suas doutrinas cronómicas do «livre cambismo», a que êle permanece fiel a despeito de tudo.

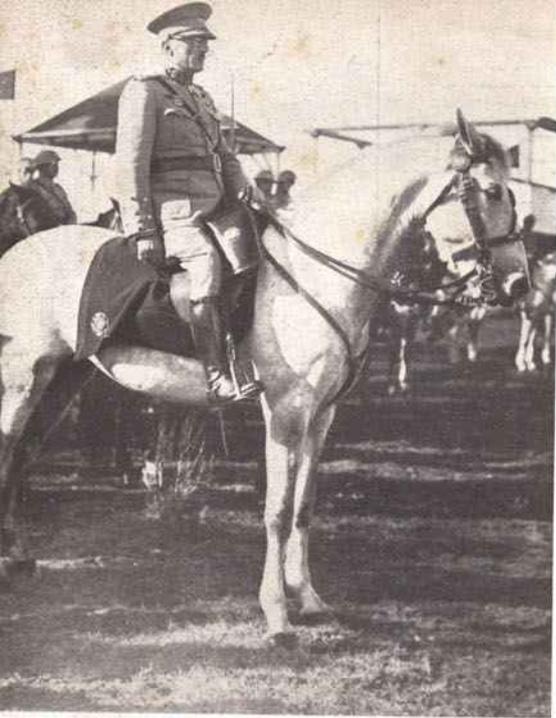
Sua filha, Miss Megan Lloyd George, que o acompanha nesta viagem, segue também a carreira política. Há já alguns anos que ocupa um lugar na Câmara dos Comuns. Nas curtas frases que trocou com os jornalistas no momento do desembarque, manifestou-lhes a intenção de estar presente à próxima reabertura do Parlamento em cujos trabalhos toma sempre parte activa.

Lloyd George conta demorar-se no Estoril cerca de três semanas. Não oculta o seu agrado por tudo que torna essa estância um dos pontos de vilegiatura mais privilegiados do mundo.



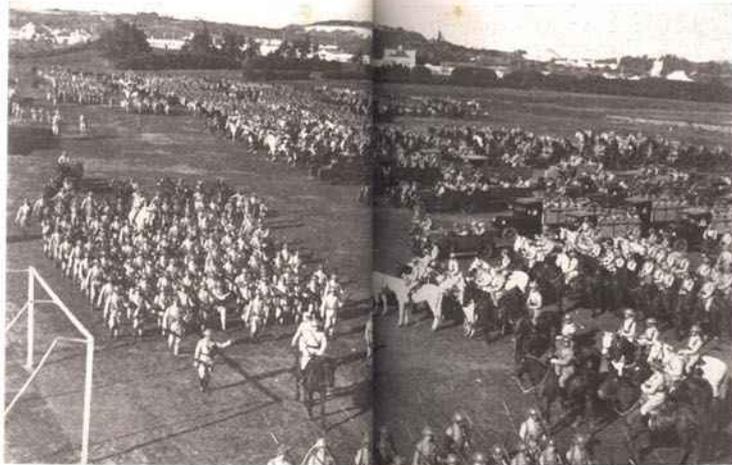
O célebre político inglês, acompanhado de sua família, atravessa o país depois de abandonar o «Andalucía Star»

A parada da guarnição de Lisboa



A' esquerda — O ministro da guerra, a cavalo, assiste, acompanhado do general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, ao desfilar das tropas, depois de ter passado revista as forças em parada.

A' direita — Aspecto geral da parada, no momento em que se inicia o desfile perante o ministro da guerra, que se encontra junto das tribunas, onde estavam os oficiais generais que o haviam acompanhado durante a revista.



A' direita — Um dos regimentos de cavalaria, passando em frente dos srs. major Luiz Alberto de Oliveira, ministro da guerra, e do general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa.

Em baixo — Imponente aspecto que oferece o campo do «Jockey Club», do Campo Grande, durante a parada das forças da guarnição de Lisboa, que se realizou na tarde de 5 de Setembro, sob o comando do general Daniel de Sousa.

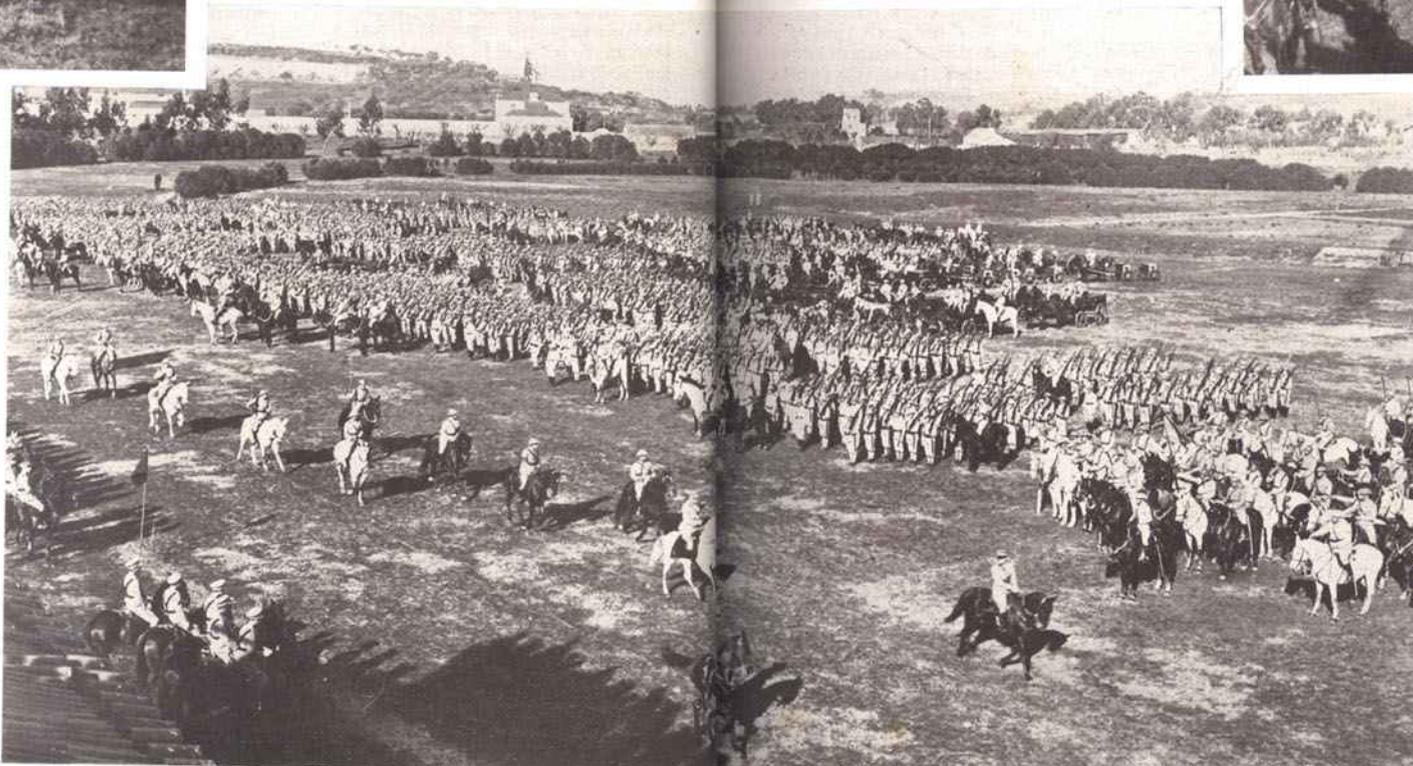


REVESTIU-SE de grande importância, e culminou um acontecimento cívico, a parada militar, realizada no dia 5 deste mês, no campo do «Jockey Club», no Campo Grande. Foi um espectáculo grandioso que despertou grande curiosidade entre a população lisboeta. O sr. ministro da guerra passou revista às tropas da guarnição militar de Lisboa. A concentração dos contingentes do exército começou às primeiras horas da tarde. Tanto oficiais como soldados convergiam o uniforme de campanha com o respectivo capacete de ferro. As forças que tomaram parte eram constituídas por 7.000 homens pertencentes às várias unidades tendo sido formadas pela ordem regulamentar, estendendo-se a formação de um extremo ao outro do campo.

Em primeiro plano a brigada de cavalaria constituída pelos regimentos n.ºs 2 e 7, sob o comando do sr. coronel Carlos dos Santos.

Logo que se concluiu a formatura o vasto campo do Jockey oferecia um aspecto soberbo. Numa das saliências mais elevadas, via-se postada uma bateria do regimento de artilharia n.º 2, com as respectivas peças dispostas a salvar, logo que o sr. ministro da guerra chegasse ao local da concentração.

Tudo estava nos seus lugares: carros de assalto, com os seus canhões assentados; os camiões e outras viaturas pertencentes ao Batalhão de Automobilistas e da 2.ª Companhia do Grupo de Saúde. Mais adiante, as baterias do Grupo n.º 1, de Artilharia Pesada n.º 2 e logo a seguir, após uma pequena distância, o destacamento misto, que está aquartelado na Penha de França. Num outro plano, na sua máxima força, a artilharia — a ligeira do Regimento n.º 1 e a pesada do Grupo 2 do Regimento n.º 2. Seguiu-se a Companhia do Trem Hipomóvel, com todas as suas cartadasíssimas viaturas, nas quais e detacavam pequenas bandeiras nacionais. Por fim, numa massa compacta da infantaria, os regimentos de



Sapadores de Caminhos de Ferro e de Telegrafistas, Batalhões de Caçadores n.ºs 5 e 7 e a feição do Regimento de Infantaria n.º 1. Atrás de todas estas forças e ao centro, alinhava o Batalhão de Aerosteiros, com seus camiões, aos quais estava amarrado, por meio de grossos cabos, um balão esférico que se baloiçava no ar, a duzentos metros de altura.

Próximo das 14 horas, o sr. general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, acompanhado do seu estado maior, passou em revista a formação, tendo colocado-se, depois, junto da tribuna do campo, à frente das tropas. Entretanto surgiram, no horizonte, vários aviões da Aviação Militar, que realizaram interessantes evoluções.

O sr. major Luiz Alberto de Oliveira, ministro da guerra, deu entrada no campo, pelas 14 horas. Seguiu-o um luzido estado maior, de que faziam parte os generais Silva Basto, Vieira da Rocha, Amílcar Pinto, Bernardo Canto, Almeida Arce e Lobato Guerra, os brigadeiros Silveira e Castro, Joaquim Malheiro e Aguiar, outros oficiais superiores e ajudantes de campo.

Os clarins de todas as unidades deram então o sinal de sentido, seguido da marcha de continência. A artilharia começou a tocar e as bandas dos regimentos romperam com o hino da «Maria da Fonte». O aspecto do campo era surpreendente.

Quando o ministro, seguido pelos generais, chegou em frente da formatura, repetiu-se a continência geral, vindo o sr. general Daniel de Sousa ao encontro do chefe do Exército para o saudar.

Seguiu-se a revista a galope. O sr. major Luiz Alberto de Oliveira, acompanhado pelo governador militar de Lisboa, percorreu toda a área ocupada pelas forças, que lhe prestaram honras, executando as bandas marchas militares.

Terminada a revista, o ministro postou-se à frente dos generais, que se tinham consagrado junto das tribunas e o desfile dos 7.000 homens ali concentrados iniciou-se, aberto pelo regimento de Infantaria 1.º

ESTE Guilherme Filipe, artista apaixonado de distâncias cosmopolitas, que por terras de Espanha andou uns bons dez anos, reapareceu-nos a semana passada, ali no Grémio Literário, com vinte e quatro dos seus derradeiros trabalhos, isto é, com duas duzias das suas mais recentes atitudes criadoras.

A primeira boa impressão que nos oferecem as obras de Guilherme Filipe, na limpida serenidade com que foram realizadas, é a seguinte: o pintor, sem ter encontrado ainda a meta da sua mocidade, atingiu o domínio de si mesmo, ordenando impulsos e restando excessos, de maneira

que o seu temperamento pode "vencer os assuntos", dentro da verdade séria, mesmo que esta seja só a verdade artista.

Guilherme Filipe, como ontem, mas como ontem de há muitos anos, revela-se em extraordinário pintor de figuras. Apresenta-as como elas são, em valores anatomicos e expressionistas; mas,



A EXPOSIÇÃO DO PINTOR GUILHERME FILIPE NO GRÉMIO LITERÁRIO

ao mesmo tempo, apresenta-as também, em traços delicados ou fortes, em que elas se revelam até ao mais recondito da alma.

Querem um simples exemplo? Aqui o têm: o quadro "Maternidade". O assunto não é novo, é certo, talvez pela simples razão de que há já muitos anos não há assuntos novos... Mas é nova aquela terna delicadeza com que o artista nos mostra, num remanso de tintas, e confundidos no mesmo sonho, a mulher e a criança, que não podem resumir outra coisa senão o poema de um primeiro filho.

Vem depois, longe no catálogo, mas como a continuar o primeiro, este outro quadro: "Por terras onde não há remédio". Uma legenda exacta sobre um drama de uma mulher errante, á procura do fim do mundo ou da desgraça, levando na boca, gritos roucos de fome e de felicidade.

E esta outra tela: "Prostituição", que completa aquelas, mesmo sem o pretender, mostrando-nos o fim de uma vida, num quarto que é prisão de amor e de sofrimento, e onde um Cristo, silencioso e tolerante, parece vigiar a alma do corpo que se perdeu!...

Nestes três quadros, mais do que em nenhuns outros, deve e pode-se ver em Guilherme Filipe, coleccionador de cidades e de caminhos, um fixador de almas, mas de essas almas que são verdadeiros e autenticos dramas sociais e universais.

Vêm-se ainda outros, de figuras conhecidas, os do dr. Caeiro da Mata e do poeta Alfredo Brochado, por exemplo, inteligentemente estilizados, onde se admira, sobretudo, a transparência intelectual dos retratados.

Ainda noutros trabalhos, designadamente em "Recordação de Coimbra" e "Aldeia da Beira com figuras à frente", o pintor Guilherme Filipe diz-nos como interpreta pedaços de regionalismo e certos conhecidos costumes: com poesia e lógica. Assim, para exemplificar, no segundo desses dois quadros, o artista dá-nos, num fundo de paisagem aquietada em resignação, o drama das figuras sem rumo, para-

das diante do mundo, à espera da hora do sol ou à espera da hora do fim de tudo.

Guilherme Filipe, com esta exposição, não se revelou, mas fixou-se, firmemente, naquele lugar que, há dez anos, poucos lhe reconheciam, mas que, agora, todos são obrigados a reconhecer que é muito seu.

Guedes de Amorim.



DR. VIRGÍLIO CORREIA
Ilustre catedrático

(Desenho de Guilherme Filipe)



RIBEIRO DE CARVALHO
Antigo ministro da guerra

(Desenho de Guilherme Filipe)

João Grave



MORREU na última quarta-feira, inesperadamente, o escritor português João Grave, que era, incontestavelmente, um dos mais brilhantes trabalhadores das nossas letras. Infatigável, duma grande elegância moral e intelectual, escrevia sempre com vernacidade e sentimento, quando não com grande brilho. Conquistou, pelo seu mérito, um lugar na literatura portuguesa.

Raul Esteves dos Santos



COM o título de «Três anos na grande colmeia» acaba Raul Esteves dos Santos — espírito trabalhador e cheio de boa vontade — de publicar a história da sua gerência, durante 3 anos, na prestimosa colectividade «A Voz do Operário». É um documento onde se mostra quanto vale a inteligência e o esforço postos ao serviço duma simpática sociedade como é aquela a que Raul Esteves dos Santos se vem dedicando.

Torres de Carvalho



TORRES de Carvalho — distinto colaborador da Ilustração — juntou as suas últimas crónicas da Alemanha, já espalhadas pelos jornais, e fez — com algumas páginas inéditas — um volume a que deu o título de Nazas. É uma série de depoimentos de quem observou a Alemanha de hoje e a transformação política porque vem passando.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Exposição dos Roteiros portugueses dos séculos XVI e XVII



Na Biblioteca da Marinha, na Escola Naval, inaugurou-se há dias, a Exposição dos Roteiros portugueses dos séculos XVI e XVII. Presidiu à sessão o sr. almirante Gago Coutinho, que foi secretariado pelos srs. almirantes Saavedra e Tito de Moraes, dr. Julio Dantas, comandante Fontoura da Costa e general Daniel de Sousa. Falaram os srs. almirantes Gago Coutinho e Tito de Moraes e proferiu uma notável conferência sobre os Roteiros o sr. comandante Fontoura da Costa.

Um dramaturgo e um jornalista brasileiros em Lisboa



Estão em Lisboa duas figuras de destaque no meio intelectual do Brasil: o jornalista sr. René de Castro, um dos melhores ornamentos da imprensa de S. Paulo e o escritor dramático sr. Joracy Camargo, autor de várias peças do moderno teatro brasileiro. Depois duma longa estada entre nós os dois ilustres homens de letras brasileiros partirão para uma viagem pela Europa.

As festas do Fim do Ano na Madeira



QUANDO da visita ao Funchal — por ocasião das festas do Fim do Ano — de alguns jornalistas lisboetas foi-lhes oferecido, no Terreiro da Luta, um almoço pela Associação Commercial do Funchal. A esse banquete assistiram também os representantes da imprensa estrangeira e o delegado do Conselho Nacional de Turismo sr. dr. Carlos de Carvalho.

Ramada Curto



OUTRA modalidade do talento de Ramada Curto — dramaturgo vigoroso e brilhante advogado — nos é revelada no seu último livro «Bianca Capelo»; o de romancista. Escritor realista, de observação aguda, dá-nos nesta obra um trabalho de fantasia que interessa sobretudo. O autor do «Caso do Dia» escreveu mais um livro que o coloca a par dos grandes escritores da sua terra.

Armando Ferreira



ARMANDO Ferreira, que enfileira ao lado dos nossos melhores escritores humoristas, escreveu uma novela de aventuras «A casa do diabo». É um volume cheio de imaginação e que contém páginas dum grande valor literário. Lê-se com interesse pois o seu enredo é cativante e sugestivo.

Mocyr Liserna



ENCONTRA-SE há dias entre nós, tendo já dado um concerto — que obteve grande sucesso — no Salão do Conservatório, o flautista brasileiro Mocyr Liserna, que é o 1.º prémio, medalha de ouro do Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro.

Jantares

• O sr. dr. Rui Ennes Ulrich, ilustre embaixador de Portugal em Inglaterra e sua esposa, a sr.^a D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, ofereceram no Hotel Savoy, um jantar de despedida ao consul geral Paulo Brito e sua esposa, ao qual foram convivas além dos homenageados, os srs. coronel Santos Lucas, dr. Lebre de Lima e sua esposa, dr. Ferreira da Fonseca, António dos Santos Mendonça e esposa, António Potier e esposa e esposa e Pina.

— No Palácio Hotel do Estoril, onde se encontram hospedados, ofereceram a sr.^a D. Emilienne de Lima Mayer e o sr. António de Lima Mayer, um jantar íntimo, ao qual assistiram as sr.^{as} condessa do Cartaxo, D. Cristina Resende da Silva, D. Octávio Guedes Cau da Costa, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Maria Luiza de Melo Ulrich, D. Sara Horgan, D. Amélia Resende de Melo, D. Maria do Carmo Vilar de Melo, D. Maria Teresa de Melo Ulrich, e os srs. dr. Júlio César Cau da Costa, Dr. Fernando Ennes Ulrich, Carlos Husum, Jorge de Melo (Cartaxo), David Horgan e Manuel de Melo (Cartaxo).

— O consul geral sr. Cax F. Deichmund, ofereceu no salão de mesa do Aviz Hotel, um jantar de despedida ao consul sr. Lourense S. Amstrog e sua esposa, ao qual assistiram os srs. Robert G. Coldewell, ministro dos Estados Unidos da América em Portugal e esposa, dr. Franck A. Osterland e esposa, Capel P. F. Bryant e esposa, Henrique Faro e esposa e D. Anderson, vice-consul da América.

— O capitão Palmer e esposa, ofereceram no Palácio Hotel do Estoril, onde estão hospedados, um jantar, a que assistiram os srs. Homet e esposa, Eduardo Pinto Basto e esposa, Rive e esposa, Mrs. Allen, Sir Timothy e Ehpizeger.

— No salão de mesa do Aviz Hotel, realizou-se, oferecido pela equipa de serviço ao «banco» do Hospital de S. José, um jantar de homenagem ao distinto cirurgião dos hospitais civis, sr. dr. Adelino Costa, ao qual foram convivas os srs. drs. Jorge Silva Araujo, Filipe da Costa, António de Meneses, Sardinha da Mota, Octávio Gomes da Silva Neves, José Luiz da Veiga, Alfredo Coimbra, António Mendes Ferreira, Manuel Caetano Frazão, Diogo Furtado e Francisco Taquenho.

Nos salões

O sr. Delfim Maia, o conhecido cavaleiro, antigo oficial do exército e primoroso artista, reuniu em sua casa, alguns artistas e amigos pessoais, afim de lhes apresentar uma nova modalidade do seu grande temperamento de artista, em alguns trabalhos de escultura, por um processo novo, que consiste em lâminas de prata recortadas e enroladas de fôrma a dar todo o volume que a sua alma de

VIDA ELEGANTE

artista lhe soube transmitir. Delfim Maia, teve nessa tarde ocasião de ver quanto o seu trabalho artístico foi apreciado e elogiado por um grande número de amigos e admiradores do seu talento.

O brilhante artista e sua esposa, a sr.^a D. Augusta Maia, coadjuvada por seus filhos e sobrinhos, foram de uma cativante amabilidade, para com os seus convidados, entre os quais se notavam as senhoras:

Condessa da Torre e filha, D. Branca de Gonta Colaço, D. Maria Izabel Ortigão Burnay de Almeida Belo, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço e filha, D. Beatriz de Mendonça e filhas, D. Ana Maria de Barros da Costa Morais, D. Maria da Piedade Penalva de Almeida e Vasconcelos, D. Maria Luiza D.ogo da Silva Teixeira e filha, D. Cani da Aires de Magalhães, D. Maria Duffner e filha D. Maria José de Castro Constanti, D. Elle de Almeida e Vasconcelos, D. Irene de Gonta, D. Zulmira Costa, D. Maria Izabel Lima Mayer Aires de Magalhães.

E os senhores:

Escultor Anjos Teixeira, pintor Benvido Ceia, escultor Pereira, dr. Bustorff Silva, Jorge Colaço, Cruz Filipe, pintor Armando Lucena, D. António Lobo da Silveira (Alvito), pintor Falcão Trigo, engenheiro Manuel Mendes de Almeida Belo, pintor A. S. ude, arquitetos Rebel. s de Andrade, pintor Jorge Ba radas, escultor Maximiano Alves, pintor Frederi. o Aires, escultor António da Costa, António Ferre, Hugo Navarro de Andrade Belmarço, Mota Cabral, D. Bernardo José da Costa de Sousa de Macedo (Mesqu tela), Cristóvão Aire, Mota Ca-



Os noivos — sr.^a D. Maria Isabel da Silva Ramos e o engenheiro sr. António da Cunha de Moura Metelo de Nápoles — no dia do seu casamento

bral, João Maia, Carlos Tavares, Ramos, Crespo, Samuel, dr. Emilio Infante da Câmara, Francisco David, Torca, Henrique de Castro Constâncio, Felix Corrêa, Rogério Perez e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Pelas 18 horas foi servido um finíssimo «chá» retirando os convidados verdadeiramente encantados não só com os trabalhos expostos, como também pela fôrma como foram recebidos.

Casamentos

Em capela armada, na elegante residencia da sr.^a D. Virgínia Margarida Simões Ferreira da Silva Ramos e do nosso querido amigo sr. dr. José da Silva Ramos, ilustre provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, realizou-se o casamento de sua gentil filha D. Maria Isabel, com o distinto engenheiro sr. António da Cunha de Moura Metelo de Nápoles, filho da sr.^a D. Maria Eugénia de Moura Pegado Metelo de Nápoles e do sr. dr. Aníbal Metelo de Nápoles e Lemos.

Foram madrinhas a mãe e a avó materna da noiva sr.^a D. Mariana da Camara Simões Ferreira, e padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso o prior de S. José, reverendo dr. Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, sendo acolitado pelo reverendo Garcia de Paula.

Terminada a cerimonia foi servido no salão de mesa, da elegante residencia, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos para Coimbra, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Na assistencia notavam se as sr.^{as}:

Viscondessa de Balsemão, D. Mariana de Campos Simões Ferreira, D. Maria Benedita do Couto e Silva, D. Maria Vaz Monteiro de Azevedo e Silva, D. Helena Schiapa de Azevedo Lapulo da Silva, D. Henriqueta Alves de Carvalho Simões Ferreira, D. Cristina Simões Ferreira Leite de Castro, D. Antónia Carvalho Simões Ferreira, D. Joana Alves de Carvalho Lobo da Silveira, D. Maria Alves de Carvalho Borges, D. Maria José Faco Viana, D. Paulina Liebermaister de Noronha, D. Sofia Liebermaister de Vasconcelhos Guimarães, D. Ana Maria de Moura Pegado Metelo Barroso, D. Julieta Mendes Pereira de Oliveira, D. Adeline e D. Lidia Monteiro Barbosa (Semelhe), D. Maria Helena Bon de Sousa Xavier Cordeiro, D. Eulalia Guimarães Gonçalves, D. Leonor e D. Amélia de Barreto Campos, D. Filomena Corrêa de Sá (Asseca), D. Maria Tereza Bastos, D. Maria da Conceição Vasco Costa, D. Maria Leonor e D. Maria da Graça Faco Viana, D. Maria da Conceição Schiapa de Azevedo, D. Maria Júlia Leite de Castro, D. Maria da Conceição Bastos, D. Maria Amélia Almeida Fernandes, D. Maria Julieta Mendes Pereira, D. Maria Amélia Xavier Cordeiro, D. Maria Isabel Vaz Monteiro, D. Elizabeth Gordon, D. Julieta Martins, etc., etc.

E os srs.:

Visconde de Balsemão, general Leite de Castro, coronel Schiapa de Azevedo, dr. José do V. le Matos (id), dr. Aníbal Metelo de Nápoles e Lemos, dr. José Francisco Azevedo e Silva, dr. Jorge Cid, dr. Faco Viana, dr. Ricardo Machado, dr. Luiz Simões Ferreira, dr. Vasco Borges, dr. José de Almeida Fernandes, 1.^o tenente Zagalo da Silva, tenente Afonso de Almeida, António Pegado Barroso, João Capelo Jules, João Leite de Castro, António Hintze Ribeiro, D. Miguel Pereira Coutinho, D. Pedro da Câmara Leme, D. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), D. Fernando José Corrêa de Sá (Asseca), José e Joaquim Simões Ferreira, José Alexandre de Campos Mendes Pereira, Basílio Machado de Oliveira, Pedro Schiapa de Azevedo, José António e António Maria Simões Ferreira, António de Andrade Soares, Fernando Vasco Costa, etc., etc.

Os ilustres donos da casa e seus filhos foram duma cativante amabilidade para com os seus convidados, que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram

O VIRA e O FADO

interpretados
por Denis Salgado

NEM sempre um bom reporter fotografico reúne as qualidades de jornalista e artista. Uns, seduzidos pelo aspecto decorativo da sua arte, desdenham a reportagem para se entregarem a sábias composições de claro-escuro. Outros, servem-se da máquina como dum instrumento cujas subtilidades não compreendem e limitam-se a fixar na chapa sensível a imagem que lhes surge.

Denis Salgado constitue uma excepção por isso que, ás suas inegáveis qualidades de reporter, pinta uma sóbria sensibilidade artística.

Conscioso reporter fotografico que á "Ilustração," e a diversas outras revistas e jornais presta valiosa colaboração, Denis Salgado pode com justiça ser considerado um dos nossos melhores profissionais nessa difficil modalidade do jornalismo.

Possue êsse raro sentido da oportunidade jornalística que o leva a adivinhar com maravilhosa precisão o momento flagrante que a sua objectiva há-de fixar.

Algumas das suas fotografias, dispersas em revistas e jornais, são pequenas obras primas do seu género. Entre as muitas que poderíamos citar, recorda-nos, por exemplo, a chegada de Balbo a Lisboa, em que Denis Salgado logrou fixar o general italiano no preciso momento em



que êste suspenso no espaço vai pisar o sólo português depois da sua gloriosa travessia do Atlântico.

Mas Denis Salgado não se preocupa apenas com o caracter flagrante dos seus instantâneos. Interessa-o também o aspecto ar-

tístico dos seus trabalhos e provou-o com mais evidência do que nunca na recente volta a Portugal em bicicleta. Em quasi tôdas as fotografias não se limitou a fixar o desfile dos corredores. Enquadrou-os na paisagem e obteve assim imagens de invulgar beleza. A travessia da serra da Estrela, por exemplo, serviu-lhe de tema para admiráveis fotografias que a "Ilustração," a seu tempo reproduziu com o merecido destaque.

Ilustram esta página duas fotografias de Denis Salgado que nos permitimos classificar de excelentes. O que mais impressiona nestes dois trabalhos do artista fotografo é a forte personalidade do seu estilo. Denis Salgado não valoriza os seus trabalhos com requintes artificiosos de câmara escura ou laboratório. Limita-se a fixar as imagens segundo o seu temperamento. E por êsse motivo, as suas fotografias têm um inconfundível cunho de verdade.

Na que encima esta página, o artista procura dar uma interpretação da dança tão portuguesa do "Vira". As figuras, surpreendidas no seu movimento rápido, conservam tôda a expressão dinâmica. Dir-se-ia que as vemos agitarem-se nas voltas breves da tradicional dança.

Em baixo, é uma interpretação do "Fado", magnífica pela expressão de tôdas as figuras. A cantadeira reteza as cordas vocais num lamento saudososo, ao passo que o guitarrista contempla amorosamente o seu instrumento. Todos parecem ignorar que uma objectiva os espreita, tal é a sinceridade que ressalta da fotografia.

Ambos são, pois, trabalhos que honram um artista que sabe fugir à comezinha trivialidade do grupo de visitantes e do banquete de homenagem.

Há muito que está projectada entre nós uma exposição de reportagem fotográfica. Essa exposição, que reunirá os melhores estantâneos dos nossos reporteres fotograficos, não pôde até hoje realizar-se por diversas circunstâncias, apesar das boas vontades empenhadas nesse sentido. Fazemos votos por que nessas dificuldades sejam removidas, visto que o Salão da Reportagem Fotográfica servirá utilmente os interesses dos profissionais que a êle vão concorrer. Que nos seja desde já permitido prever que essa louvável iniciativa constituirá em particular para Denis Salgado um brilhante triunfo.



O Vale-do-Vouga

fecunda

a terra que percorre

ENFEITARAM o percurso do Vale-do-Vouga com miradouros e pontes que parecem escolhidos de propósito para ver ao longe panoramas belos, ao perto os oncos terríficos que a torrente abriu.

E por tal modo excederam a medida usual dêsse elemento decorativo que criaram ao combóio a fama de espectacular, composto para fim cineas-tico, não para servir de coração pulsátil, com suas artérias, a economia da região.



Pontes do Vale-do-Vouga de beleza rara...



Gemem os guindastes a abrir a entrada do Oceano...

Afinal serve e muito bem. Brincando, brincando por montes e vales, a rodopiar, a bailar, a cantar de encosta em encosta, desperta energias, desenvolve trabalho, cria riqueza. Viu-se e palpou-se esta verdade na visita demonstrativa, arranjada de encomenda para mostrar que a graça do porte não estorva o sentido prático do que interessa ao governo da vida.

As novas produções, a intensidade das trocas, o melhoramento dos povoados provam-no com nitidez. Em vinte e cinco

anos as viagens de pessoas sobem de 30 mil a 900 mil, o transporte de géneros vai de 5 mil a 140 mil toneladas. As artes e ofícios prosperaram como colmeias, em campo melífero. O ferro, o linho, a lã, a seda, o alimento, o vestuário, o artefacto, andam trabalhados por tôdas as mãos. Cada porta abre para uma oficina. Assim se verifica ao atravessar a planície ubérrima e formosa

que a linha circunda entre Espinho e Aveiro, na região em que o Vouga, depois de romper o flanco duro das serras, se espraia remançoso e dormente até encontrar a voluptuosidade da Ria onde se perde. Ai, cercado por encanto edénico da paisagem foi que o trabalho adquiriu pujança consoladora, apenas comparável à do humus circundante.

Também lá muito longe, na serra ainda não galdaga pelo combóio, os rodízios se movem com afan igual ao notado na Baixeira. Talvez por isso ao carril agrada uni-los, aproximá-los, relacioná-los.

Bem haja êle. Se o conseguir pratica um acto de grande mérito.

E depois de ligada a montanha mais nobre de Portugal ao mar que lhe fica ao meio, bem pode ser que um novo coração entre a pulsar na Beira que é o mediastino do país. Gemem os guindas-



O transporte rápido, herdado dos avós em que o serrano vai...

tes a abrir a estrada para o Oceano passar e vir de visita, ou mandar recados aos lugares que o Vouga molha. E a Estrela no seu alto nevado já espreita naquela direcção, aguardando a hora em que pousadas à testa de um combóio lhe apareçam, de mensageiras, umas gaivotas idas de Aveiro, moradoras da Ria, a levarem notícias e dadas do grande senhor Mar.

O serrano só então opeará do transporte rápido, herdado dos avós, para correr a adorar a outra majestade, igual à da montanha, a imensidade líquida dos navegantes, sempre nomeada com assombro pelos que se atrevem a descer do alto até à sua beira.

As industrias locais prosperam activadas pelo combóio...

D. Loureiro.



Na Sociedade Guilherme Cossoul

A ELEIÇÃO

da "Rainha"
das Sociedades de Recreio

São raros, em Portugal, os concursos de beleza. Porque motivo? Não o sabemos. Mas a verdade é que, enquanto no estrangeiro êsses concursos se sucedem com frequência, entre nós uma inexplicável apatia faz com que os releguemos para uma esfera de acção inferior.

E contudo, premiar a Beleza é, sem dúvida, prestar-lhe a maior das homenagens a que ela tem direito. Nem se compreende bem que em Portugal, onde o sexo feminino tem um incondicional admirador em cada homem, sejam tão raros os concursos destinados a realçar os dotes de formosura.

Acertada nos pareceu por isso a iniciativa destinada a eleger a Rainha das Sociedades de Recreio, que a Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul levou a efeito na noite de trinta para trinta e um do mês findo. Essa festa interessante, que em todos deixou a mais grata recordação, representou no nosso meio limitado a efectivação duma iniciativa que julgamos digna dos maiores louvores.

Cêrca das duas horas da madrugada reuniu-se o júri que era constituído pelas seguintes pessoas:

D. Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, como representantes do Teatro Nacional; Roberto Nobre, pintor; Nascimento Sousa e Armando de Aguiar, nosso camarada da Imprensa.

Ante êste júri compareceram as seguintes candidatas: Irene Lopes, pelo Grupo Desportivo União dos Desavindos; Clemência Caleia, pela Associação Recreativa e Desportiva Nacional; Mariana Barreiro, pelo Nacional Atlético Club; Ivone Alcobia, pela Academia Recreativa Francisco Gois Lopes; Alice Fernandes, pela Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro; Maria da Piedade Henriques, pela Sociedade Musical Ordem e Progresso; Fernanda da

Piedade Santos, pela Associação Concentração Musical 24 de Agosto; e Ester Vargas, pela Sociedade Guilherme Cossoul.

Após ponderada deliberação, o júri elegeu para Rainha das Sociedades de Recreio a sr.^a D. Irene Lopes, do Grupo Desportivo União dos Desavindos e para suas damas de honor as sr.^{as} D. Fernanda da Piedade Santos, da Associação Concentração Musical 24 de Agosto e D. Ester Vargas, da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul.

Esta decisão do júri foi dum modo geral bem recebida pelos circunstantes que tributaram às *misses* uma carinhosa manifestação de simpatia e apreço.

Após a eleição, a actriz sr.^a D. Amélia Rey Colaço entregou à sr.^a D. Irene Lopes um lindo bracelete, oferta da Sociedade Guilherme Cossoul. Às sr.^{as} D. Fernanda da Piedade Santos e D. Ester Vargas foram oferecidos dois formosos ramos de flores.

Após a eleição dançou-se animadamente até de madrugada. A assistência dispensou, entretanto, à «Rainha» da festa

e às suas gentis damas de honor, uma calorosa salva de palmas.

Tal foi a festa que a Sociedade Guilherme Cossoul levou a efeito, com colaboração com diversas outras colectividades.

Fazemos sinceros votos por que ela se repita, numa cooperação cada vez mais íntima entre as Sociedades de Recreio. Estamos certos de que festas dêste género muito concorrerão para fomentar o culto da beleza e, sobretudo, estreitarão os laços que ligam entre si essas simpáticas colectividades populares cujos esforços nos aprás salientar.

Ainda que outro motivo não houvesse, êste bastaria para dar à iniciativa da Sociedade Guilherme Cossoul a justa medida do seu valor. Mas ela impõe-se igualmente pelo extraordinário merecimento de vir quebrar a monotonia da vida lisboeta com uma nota invulgar da sua beleza e côr.



D. Irene Lopes, eleita «Rainha de Beleza das Sociedades de Recreio»



«A Rainha», acompanhada das suas damas de honor e das outras candidatas ao título

O cinema português

e os complexos problemas que é necessário resolver

TODA a gente conhece essas parselhas de cadernos escolares, em que se propõem e resolvem diversos problemas. Num deles, no chamado «caderno do aluno», vêm os enunciados; no outro, no «caderno do mestre», as soluções. Em princípio, os alunos só devem comprar o primeiro. Mas compram inevitavelmente os dois. E cabulam com desafio e segurança, cónscios de impunidade e de rigôr.

O cinema português é um conjunto de intrincados problemas, que mais parece quebra-cabeças do «Almanaque Bertrand». Quem tentasse reuni-los num caderno teria obra bem vasta a realizar. E seria de todo em todo impossível escrever o caderninho complementar. Mas felizmente já há quem pense em resolvê-los, não só na tranqüilidade teórica do papel, mas metendo ombros à realização de filmes, no campo acidentado das dificuldades práticas.

Ainda é cedo para dizer quem acertou com a solução. Mas já é possível expôr os pontos de vista dum desses organismos de produção — o Bloco H. da Costa — tomando como exemplo o filme que ele acaba de concluir, e que se estreia brevemente: «Gado Bravo».

«Gado Bravo» nasceu sob o fôgo cerrado das acusações mais disparatadas. Moviada, não sabemos por que mirífico frenesi, a concorrência — estímulo magnífico de todas as iniciativas, que em Portugal actua sempre com uma força destrutiva, que só pensa em nos fazer dar com os burrinhos na água — desatou a dizer que o Bloco H. da Costa desrespeitara as regras do jôgo, indo buscar os técnicos de que necessitava para fazer da sua obra uma obra decente. Segundo o parecer desses energúmenos, o futuro do cinema português estava mais sólidamente assegurado se se começasse por fazer uma borracheira só com portugueses, do que obra asseada com portugueses e alemães. Inventaram um «nacionalismo» jacobino (é curioso notar que alguns dos principais animadores de tal campanha disseram sempre mal da nossa terra, diminuindo-a publicamente, nos seus escritos e nas suas conversas, em relação à cultura e à civilização dos povos estrangeiros) e negaram a admissão nessa maçonaria à gente do Bloco e ao seu filme.

Os realizadores de «Gado Bravo» continuaram impassíveis. Tinham a consciência tranqüila quanto ao nacionalismo do espírito que os animava. Sabiam que, indo buscar lá fóra auxiliares experimentados, garantiam a perfeição duma coisa muito nossa, onde a nossa língua, os nossos costumes, a nossa paisagem, a nossa indole dominavam por completo. Recordavam o exemplo dos antigos reis que, para dotarem a sua Pátria

de monumentos dignos dela nunca tinham hesitado em ir buscar mestres à Itália e à França. Repetiam que Aljubarrota não deixava de ser uma vitória portuguesa pelo facto de D. João I ter a seu lado archeiros ingleses... E sentiam que haviam resolvido assim alguns dos problemas materiais mais perigosos, sem sacrificar a boa solução dos problemas morais.

Nacionalismo ou internacionalismo? Ó vãs palavras! Qual é o fim a que um filme se destina? A divertir as plateias nacionais? A cultivá-las? A propagar lá fora as atrações da nossa terra?... Para cada uma dessas intenções se desenha uma fórmula e se admite uma organização.

Mas há um processo de compatibilizar tudo isso e que é, portanto, uma solução: querer fazer cinema, cinema do bom, sem condescendências nem preconceitos. Se isso se conseguir, basta que se conserve um elemento para que a obra mereça a designação de filme nacional: a língua. O resto é tudo secundário, incluindo o próprio lugar de acção. Pelo facto de se passarem na Grécia e em Espanha, *Andromaque* e *Hernani* não deixam de ser por isso obras-primas do teatro francês.

Ora «Gado Bravo» decorre em Portugal, entre gente portuguesa, é desempenhada por artistas portugueses (exceptuando conscienciosamente os que interpretam papéis de estrangeiros), põe em foco um conflito portuguêsíssimo, feito de encomenda para a sensibilidade e para o paladar do público português, que, ao contrário do que insinuam os tais «nacionalistas», está bastante acima do faduncho, da piada grossa e dos pastéis de bacalhau. Mas foi feito de maneira a que tudo isso tivesse uma apresentação internacional, isto é susceptível de interessar o público estrangeiro, que não se impressiona pelo facto de lhe tocarem uns compassos da «Portuguesa» a abrir.

Um outro problema que costuma preocupar os produtores improvisados é o género de filme a escolher: drama rústico, opereta, comédia de salão, reconstrução histórica farsa, documentário, crítica social?...

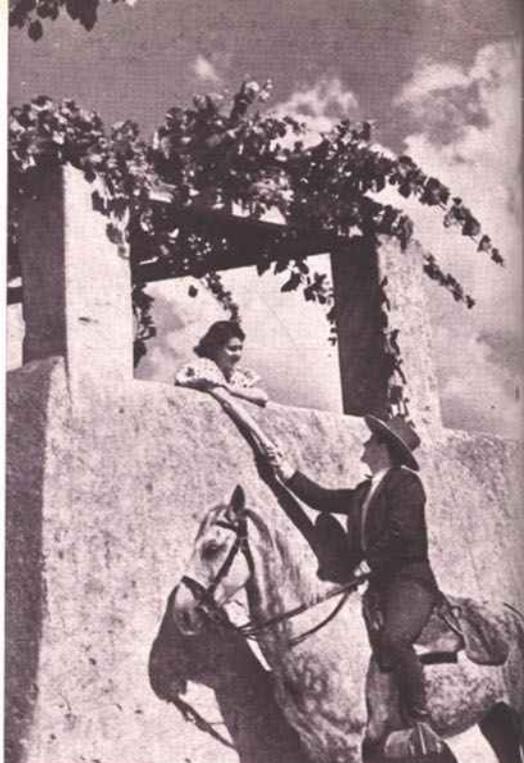
Na nossa opinião, esse problema costuma ser mal enunciado. O que importa não é escolher o género que mais agrada, uma vez que, se os filmes forem bons, todos os géneros são susceptíveis de agradar; mas sim escolher os elementos que, dado um filme de determinado género, o podem valorizar sob os pontos de vista técnico e artístico.

Surgem então os problemas de escolha de realizador, colaboradores técnicos, locais de filmagem, intérpretes, música, etc. — e à frente deles, o mais sério de todos: a escolha do argumento, da história que serve de móbil às imagens e aos sons, base em que assenta todo o espectáculo cinematográfico.

A história de «Gado Bravo» é simples, animada, humana, emocionante. H. da Costa fez bem em aceitar o argumento de Erich Philipp, que foi rigorosamente adaptado aos moldes nacionais, no que diz respeito ao carácter das personagens, situações, linguagem, atitudes, movimentos e ambientes. Temos a certeza de que o nosso público se interessará e encontrará as sensações de beleza e emoção de que precisa para que um filme o interesse.

A forma como H. da Costa resolveu os problemas materiais — origem do capital, administração da produção e plano de exploração — pode considerar-se exemplar.

A cena do casamento do filme «Gado Bravo», interpretada por Nita Brandão e Raul de Carvalho



«Gado Bravo» não se produziu graças ao apoio financeiro de nenhum Banco, nem de nenhum capitalista, nem muito menos duma subscrição pública. Não. O capital de «Gado Bravo» provém dos recursos pessoais de H. da Costa. A administração, rigorosíssima, não fazendo economias mas sim economia, permitiu que, com um milhão de escudos, se realizasse um filme que, pelo que apresenta, pelos nomes de fama que reúne, pela variedade e riqueza dos motivos, se pode orçamentar sem exagêro em dois ou três. Não recorreu ao apoio do Estado para pôr a ideia em marcha, à sombra duma lei de protecção, embora reclame uma igualdade de tratamento que é a todos os títulos justíssima. E tem assegurada de antemão a remuneração do capital investido, pela sua poderosíssima organização distribuidora. As suas casas de Lisboa, Madrid e Paris, com praças e clientes garantidos, asseguram pelo menos a passagem do «Gado Bravo» nos *écrans* de Portugal, Espanha, França, muitos outros países da Europa, Brasil e América do Sul.

Um outro problema, dos mais delicados, é o da publicidade. Está provado que o público já não «marcha» pelo simples facto de lhe dizerem que um filme português não tem nada a invejar ao «Sinal da Cruz» nem ao «14 de Julho». Nunca será demais louvar os que, sem diminuir, por falsa modestia, o valor do que fazem, sabem anunciá-lo com ponderada discrição.

Há um abismo entre o proclamar desassombadamente os méritos, que se reconhecem nas nossas próprias obras, e o atirá-los à cara do espectador incauto, falando-lhes na «obrigação» (!) de os reconhecer e aplaudir. A nosso ver, é na publicidade que a crítica deve exercer-se mais rigorosamente — embora não deva contar com ela quando aprecia o facto consumado. É por isso que nunca considerámos incompatíveis as funções de crítico e reclamista, e sustentamos que os que melhor provarem na crítica são os que mais resultados podem obter na publicidade.

O público português tem confiança em «Gado Bravo». É uma verdade de que nos orgulhamos. Se o filme tiver o êxito que antevemos, poderá escrever-se então o tal «caderno de mestre» em que se desvendem as soluções dos problemas propostos pelo cinema português. Mas só um homem poderá escrevê-lo: H. da Costa. É, pela sua mão, a produção de filmes portugueses será uma risonha realidade.

António Lopes Ribeiro.



A GRAÇA ALHEIA



— A mamã esqueceu-se de trazer os bombons... Afinal não valeu a pena ter juízo...



— Considero inútil esta reunião. Não há assuntos a tratar...
— Engana-se. É necessário pretexto para beber uma taça de champagne...



— Quantas vezes te hei-de dizer, meu pai? Não quero dinheiro... quero trabalhar...



— Então eu hei-de chegar a ser «aquilo»? Também não me ralo... Em álcool já eu ando «enfrescado»...



Outros tempos:
Como é hoje olhado o espectador que se «veste» para ir ao teatro.



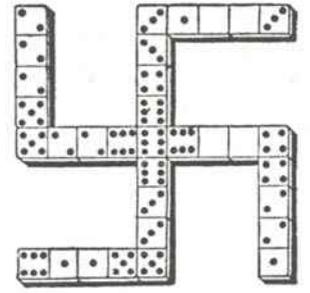
Dramas do desporto feminino... ou o infeliz equívoco duma jogadora de rugby.



— Desejo ser actriz de revista.
— Quais são os seus méritos?
— Sou quasi centenária.

Mistinguette e Cecilie Sorel são as actuais vedetas do teatro musicado parisiense.

(dos jornais)



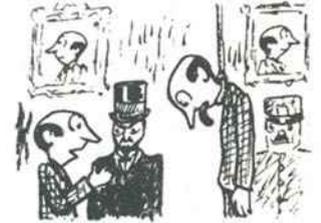
A nova maneira de jogar o dominó na Alemanha.



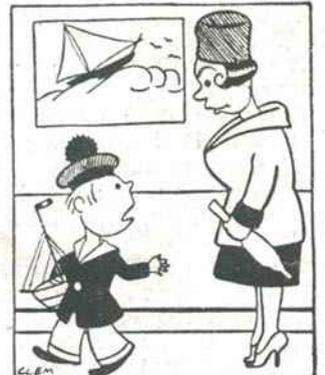
— Até que enfim! A América entrou no regime húmido.
— E o bebé também...



O amnésico: — Que diabo teria eu vindo aqui fazer com tanta pressa?



— Com que então você enforcou o seu irmão gémeo?
— Não vê o senhor que eu queria suicidar-me... e enforcuei-o, por engano, em meu lugar.



— Mamã, acho bem que leve rebuçados, não vá eu chorar no caminho...



Alfredo Trindade, a grande estrela do ciclismo português

O 1933 desportivo foi um ano pouco característico; trabalhou-se, contaram-se algumas jornadas brilhantes, mas não encontramos numa análise de conjunto um sintoma definido de progresso. Não nos parece desafortunado concluir que durante o ano findo, mais progrediram os dirigentes e orientadores, do que os atletas praticantes.

Não baquearam muitos "records", mas melhoraram sensivelmente as condições materiais de prática; não conquistámos grandes vitórias internacionais, mas confirmámos o nosso valor nos desportos em que atingimos, no passado, classe definida; não conseguimos satisfação das mais urgentes necessidades nacionais, mas determinaram-se posições e afirmaram-se com clareza princípios e leis.

Assim, aos altos e baixos, os doze meses passaram e deixam-nos no final do ciclo sem que saibamos ao certo o que dêles devemos pensar. Ano de preparação, ano de expectativa, só o decurso de 1934 nos poderá provar o que valeu 1933.

Apreciando a actividade desportiva em todos os seus ramos e manifestações, separamos quatro factos:

O maior acontecimento: o Congresso de Clubes Desportivos.

A prova mais popular: a volta a Portugal em bicicleta.

A maior vitória: a conquista da Taça de Ouro da Península pela equipa de hipismo em Madrid.

A maior desilusão: os três "goals", a zero, brindados pela Espanha no encontro de Vigo.

O Congresso de Clubes constituiu um êxito excepcional, cujos resultados não é ainda possível prever; a elevação com que decorreram as sessões, o valor dos trabalhos apresentados, vieram trazer um lustre bem preciso à camada orientadora do desporto português, que demonstrou não ser tão má como a si própria se julga.

A Volta a Portugal, a-pesar dos ataques peçonhentos dos invejosos, conquistou uma vez mais o paiz inteiro e marcou a mais brilhante página de propaganda, mercê duma organização nunca igualada.

A Taça de Ouro da Península é um trofeu dum alto significado e a sua conquista nas difíceis circunstâncias duma competição em terra estrangeira, honra grandemente a classe dos nossos cavaleiros.

Finalmente a derrota pesada do grupo português de "foot-ball", em Vigo, contrariando todas as previsões e congelando um entusiasmo invulgar, proporcionou a mais dolorosa recordação do ano, ligada a um injusto castigo do destino.

O atletismo, para começar a análise geral por ordem alfabética, não avançou um passo na época passada. Pondo de parte os fogos de vista literários de um cronista que elogia o seu próprio pseudo-trabalho, toda a gente de bom senso o reconhece.

A propaganda levada a efeito em Lisboa, útil e bem orientada, não deve ter surtido o efeito desejado porque os novos recrutas são fracos em técnica e de classe bastante inferior.

Conforme dissemos já nestas páginas o atletismo português enferma de três grandes males: carência de técnicos, falta de pistas, insuficiência de preparação.

O Belenenses construiu no seu campo uma pista, que é a primeira da capital, mas pouco acessível para que possa resolver o problema.

Fizeram-se muitas provas e pela primeira vez o Porto bateu Lisboa. O pior mal do atletismo lisboeta é ter caído nas mãos de uma sumidade técnica sem caracter nem honestidade que o abonem como dirigente de prestígio.

Responsabilidades a pedir aqueles que o amparam porque êle lhes incensa a estulta vaidade, chamando-lhes illustres.

O automobilismo alcançou uma bela classificação internacional em Barcelona, por intermédio de Vasco Sameiro, que foi o grande triunfador do ano: circuito General Carmona, circuito de Vila



O grupo nacional de foot-ball que jogou em Vigo contra a Espanha, e nos deu a maior desilusão do ano

A QUINZENA DESPORTIVA

Resumo do ano de 1933 que pouco tem que resumir...

Real, rampa da Penha, circuito da Boa Vista.

O basket-ball, um dos jogos que actualmente mais praticado é no nosso paiz, continuou a ressentir-se, sob o ponto de vista nacional, dum velho conflito entre a Federação e a Associação de Lisboa, que se arrasta sem solução, por mútua intransigência. Temos, como resultante, duas entidades dirigentes, sendo justo reconhecer maior actividade e mais larga esfera de acção àquela que reúne os elementos dissidentes. A antiga Federação, cuja sede está fixada no Porto, organizou porém o III Portugal-França, no qual fomos batidos por 56-26.

Os ciclistas não descansaram no período em que lhes foi permitido correr. O ano ficou assinalado pela primeira participação portuguesa numa prova estrangeira, para o caso o I Circuito de Pontevedra, e se os resultados não responderam às nossas esperanças, tivemos a satisfação de uma magnífica proeza de Alfredo Trindade, e o proveito de uma lição vantajosa.

Em Portugal as provas importantes excederam as duas dezenas; Trindade foi, também, a primeira figura da época, sendo lamentável que a doença o impedisse de disputar o título nacional, a que tinha absoluto direito. Participou em onze provas, venceu seis (Volta a Portugal, campeonato distrital, circuitos de Palmela, Alcaboa e Cúria, Matozinhos-Vale e regresso), foi duas vezes segundo (voltas da Gaia, Lisboa-Bombarral-Lisboa), uma vez terceiro (Lisboa-Coimbra), não se classificando nas duas restantes.

Dos seus competidores destacam-se ainda três nomes: José Maria Nicolau, vencedor dos 50 quilómetros de estreia,

das voltas à Gaia, de Lisboa Bombarral-Lisboa e do campeonato nacional, tendo sofrido durante a época uma interrupção de actividade por motivo de doença; Cesar Luiz, a grande revelação, vencedor da Taça Olímpica, do circuito do Estoril e de Lisboa-Coimbra, o homem que durante a Volta foi o grande rival de Trindade; e finalmente Ezequiel Lino, recordman dos 100 quilómetros, segundo da Volta, primeiro em Lisboa-Salvatera.

Em resumo ano bom, progresso franco da especialidade, que mais se assentará quando os corredores se decidirem a definir situações.

Os desportos náuticos continuaram a sua vida difícil, amarrados às insuficiências financeiras dos clubes que os praticam, e só ganharam incremento quando o Estado se decidiu a prestar-lhes um patrocínio indispensável. Tomemos como feliz augúrio, as afirmações do Presidente do Conselho em resposta à representação do Congresso.

Em matéria de educação física podemos lançar na folha do haver a inauguração da Escola de E. F. do Exército, o desenvolvimento dos cursos de "Os Sports", a imponente parada da Assistência Pública e a actividade da Escola S. de E. F. da Sociedade de Geografia. Na página fronteira um borrão negro: a existência ainda legal do famigerado método passivo de ginástica.

A esgrima, o desporto em que temos alcançado maiores triunfos internacionais, não melhorou durante o ano apesar do cuidadoso critério organizador da Federação.

Henrique da Silveira, campeão nacional de florete e espada, foi o melhor alador, vencendo também as Taças Penha Garcia e Saúde.

Sasseti e Jorge Paiva, duas glórias do passado, figuraram ainda entre os seus mais perigosos adversários.

O "foot-ball", para não fugir à regra, teve mais um conflito em Lisboa, com os clubes barreirenses; afóra este incidente a sua existência decorreu normal, e deu-nos duas tardes memoráveis: a vitória sobre a Hungria em 29 de Janeiro e a final Sporting-



O grupo de honra do C. F. «Os Belenenses», campeão de Portugal em foot-ball

-Belenenses para o campeonato de Portugal.

Nos dias finais do ano visitou-nos o grupo do First Viena, campeão da Austria, e que proporcionou ao público lisboeta algumas exhibições como há muitos anos não eram presenciadas. A perfeita técnica de conjunto, a excelente escola de algumas individualidades, foram uma verdadeira lição para os nossos jogadores. Oxalá aproveite.

Hand-ball, hockey, rugby, foram praticados sem grande brilhantismo. Apenas o primeiro destes jogos, de implantação recente no paiz, manifestou certas tendências de progresso sendo grande o número de clubs que a êle se dedicam.

O hockey em campo e o rugby, que está demonstrado não serem especialidades com futuro prospero, vegetaram mais do que viveram e apresentam-se em franco declínio.

Já nos referimos aos êxitos do hipismo nacional e devemos considerar este desporto como um daqueles em que mais brilharam as nossas cores durante 1933.

A luta, os pesos, o pugilismo pouco ou nada deram que falar; na última modalidade ainda a respectiva federação organizou algumas provas interessantes, pretendendo agitar o meio, mas a luta e os pesos não existem como desporto de competição, e raro sãem do âmbito das salas clubistas.

O maior acontecimento, da luta em Portugal é o torneio anual do Coliseu, no qual se sabe hoje quem ha-de ganhar amanhã.

O motociclismo agitou-se bastante; Alexandre Black alcançou em Espanha algumas vitórias interessantes e bateu, no Estoril, os azes espanhóis.

Foi, porém, no capitulo turismo que a actividade motociclista mais brilhou, não só pelo numero como também pela qualidade das provas organizadas.

Os tenistas portugueses continuaram



António Sarriell, a figura mais destacada do atletismo português

sendo batidos por todos os estrangeiros que visitam Portugal, mas a compensar, deslocaram-se ao Brasil onde colheram excelentes resultados. Muita gente nova, belo sintoma de progresso, mas ainda falho de experiencia, não podendo portanto dar a justas medidas do seu valor.

Finalmente em tiro, tivemos um homem classificado em primeiro lugar numa prova dos Matches Internacionais de Granada, o que é ótimo.

A actividade nacional foi a mesma de sempre, mas inaugurou-se em Lisboa um stand coberto como deve vir favorecer os resultados futuros.

Esperemos que o novo ano desportivo nos seja propicio trazendo a satisfação de justas aspirações, a continuidade dos esforços e, sobretudo, o estreitamento indispensável das relações entre o Estado e o desporto, elemento essencial de moralização e progresso. 1934 assistirá aos campeonatos do mundo de foot-ball e de atletismo; Portugal não pode marcar um posto, mas deve provar a sua actividade e defender tradições de gloriosas jornadas que o tempo ainda não fez esquecer.

Salazar Carreira.



José Prata de Lima, que na época passada egualou o record nacional dos 100 metros

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Banteira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

COISAS QUE O CHARADISTA NÃO DEVE ESQUECER

- Que só publicamos charadas feitas de harmonia com os regulamentos charadísticos.
- Que todos os charadistas devem dar o seu voto ao melhor trabalho, sem limite de decifrações.
- Que o charadismo é apenas um passatempo.
- Que não publicamos trabalhos que comportem *aves, plantas, animais, aparelhos, utensílios*, etc..
- Que para esta secção só devem utilizar os dicionários que adoptamos.
- Que é indispensável indicar sempre nos trabalhos: o dicionário utilizado, o nome, o pseudónimo, a localidade e a rua.
- Que cada charada deve ser feita separadamente e escrita de um só lado do papel.
- Que as produções devem ser feitas em linguagens de papel visíveis sem o auxílio de lupa...
- Que a falta de cumprimento de qualquer destas condições pode originar a não publicação dos trabalhos.
- Que o verdadeiro charadista não faz produções cuja decifração possa provocar dores de cabeça...

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

- 1) O discurso, na minha opinião, foi superior ao do orador mais afamado. (2-2) 3.
Sintra Hélio
- 2) Uma «parente» minha diz que leu numa constelação austral que ainda há-de ter dignidade pontifícia. (2-2) 3.
Lisboa Lérias (T. E.)
- 3) Tenho um pássaro que é capaz de ocultar uma flor até secar. (2-2) 3.
Lisboa Phino
- 4) Grande feiticeira! Tenho-lhe ódio por ser tão concupiscente. (2-2) 3.
Lisboa Nicantunes

NOVISSIMAS

- 5) Apesar de estar a maré cheia, eu trabalho para salvar o asno. 2-2.
Lisboa Antolino (S. C. L.)
- 6) «Quebras» o silêncio do intervalo certa pessoa indolente. 2-3.
Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)
- 7) Não sei se «notas» que discutir tal assunto não é bom hábito. 1-2.
Lisboa Lérias
- 8) O canaçado tem a figura de quem quer arremessar... 2-1.
Lisboa Pinoca (S. C. L.)
- 9) Dou-te pancada na cabeça até deixares de ser tão janota. 2-1.
Lisboa Reinadão (S. C. L.)
- 10) A carapuça é suave como a luz de um farol. 1-2.
Luanda Ti-Beadó
- 11) Fiz uma rotura no joelho na embocadura do rio, mas curei-me com erva-lurca. 3-2.
Lisboa Valério
- 12) Ainda tenho na memória as comédias feitas pelo singular chefe do circo. 1-1.
Lisboa Vidalegre

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 2

SINCOPADAS

- 13) A descrição duma parte do livro não passa de simples mentira. 3-2.
Lisboa Antolino (S. C. L.)
(Ao confrade «Ruvinas»)
- 14) A uma pessoa que faz promessas e não as cumpre, não consagre a mínima amizade. 3-2.
Lisboa Lérias (T. E.)
- 15) O pé de certos vegetais é muito resistente. 3-2.
Lisboa Reinadão (S. C. L.)
- 16) A saia curta que as mulheres usam adquire brilho quando se lava. 3-2.
Luanda Ti-Beadó
- 17) Apesar de indóbil pesquisa tudo. 3-2.
Lisboa Nicantunes
- 18) Ouvir história, que seja triste, ninguém aprova; por isso, lança mão do meio, que melhor te «parecem». 5-6.
Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

METAGRAMAS

(Fazendo o retrato «a 3lho» do illustre confrade «Zé Figo»)

- 19) Quando acho caruma seca,
Em dia não feriado,
Corro logo seca e meca
A anunciar o achado.

É então na pele da cabeça,
Eu já meio embriagado,
Entorno — mas ai que peça —
Muito vinho adulterado.

É ao haver-me c'o erário,
Estou de olhar embaçado
E sem saber o que digo,

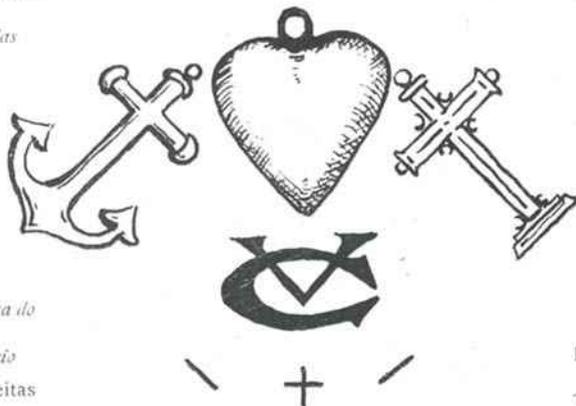
É bem triste o meu fadário,
Passo a vida engaiolado
E por isso sou «Zé Figo». — 5-5

Lisboa Ôlho de Lince (T. E. L.)

EM VERSO

- 20) Um casal: Ela nova, azougada,
E «moderna», «puxando p'r'o fino».

25) ENIGMA PITORESCO



Rio de Janeiro

Joidonha

Êle: um tolo, figura apagada, — 2
Com prosápias de esperto e é cretino...

Se a madama, de perna traçada,
(Coisa imprópria do ser feminino...)
Saia curta, a fumar, decotada,
Se faz alvo do olhar fescenino,

Duns janotas que «exploram» con-
[quistas,
Êle assiste, «babado», contente — 3
Por que a espósa gentil dá nas vistas...

O marido insensato, o «baboca»,
Que o impudor vê da espósa, e o consente,
É fanteche que o riso provoca.

Lisboa Braz Cadunha

- 21) Horas frias, em triste melopeia,
Já soam na amplidão da noite escura,
Ergo os olhos ao céu — e que ternura! —
Envolta em fulgurante e fina teia,

Tecida em pano neve de brancura,
Tua figura vejo que passeia
Lá nos astros! — Meu peito anseia,
É por te ver tão alto se tortura!

Já vai fugindo a Lua mansamente! — 1
É as estrélas morrem lentamente
Matando-me a visão de sonhador! — 1

É dia. — Já não há luar no céu,
Nem a visão existe, mas no meu
Peito há-de haver eternamente amor!

Lisboa Chico Late

(Ao confrade «Britabrantes»)

- 22) Mõças p'rá roda, — 1
Toca a dançar,
Ao som da moda
Se vai cantar.

Bate a preccito, — 1
Uma cantiga,
Dança com jeito
A rapariga.

Lisboa Vidalegre (S. C. L.)

LOGOGRIFO

- 23) Se conhece a queimadeira — 1-8 6-3.
«Lance» a vista pelo mato, — 4-10 6-7-5.
Esta planta brasileira
É bem pequena, de facto.

«Homem» versado, perito — 9-8-6-10.
No reino dos vegetais
Não a distingue, repito,
Nem de posse dos sinais.

Cheio de espanto, venido, — 2 5-7-3.
Olha a grandeza da flora,
Este «mar» verde e florido
Por onde desponta a aurora.

Belém do Pará Athenas (A. C. L. B.)

ENIGMA EM VERSO

- 24) O Melo é um rapaz bem apanhado
Com quem a gente pode gracejar;
E se às vezes está mal humorado
É defeito talvez familiar.

É tanto assim é, que, arreliado,
O Melo antes do dia desportar,
Levantou-se e pegando num cajado
A sua própria mãe foi espancar.

Foi muito censurado, é claro, mas...
Como da bola padecce êsse rapaz,
A mãe, perante a brusca Sociedade,

Disse que não — que tinha sido engano —
A surra não foi nela, foi no mano
Com método, perícia e... suavidade!...

Lisboa D. Simpático

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUÍZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.^o — Lisboa.

VIDA FEMININA

EM Portugal como em tóda a parte a vida da mulher, tem-se modificado por completo. São já legião as raparigas, que estudam, que freqüentam escolas, liceus e conservatórios. São muitas as senhoras formadas em direito, em medicina e em letras. As escritoras são já em grande número. As artistas também numerosas, salientam-se pelo seu valor. Nos emprêgos públicos, nas lojas, em tóda a parte, a mulher tem o seu lugar definitivamente marcado. Há lares onde devido à crise do desemprego, os maridos não têm que fazer e são as mulheres, que com o seu trabalho sustentam a casa. Tudo isto está muito bem; é corrente em tóda a parte do mundo. O que é preciso é que a mulher compreenda, que esta modificação de costumes, não modificou em nada a missão para que foi creada e que a natureza lhe impõe.

A mulher será sempre, e apesar de tudo mulher. Mulher dentro da sua casa. Mulher em tudo. Nada há mais desagradável do que esse tipo de mulher, que por ser culta, por ser instruída, por ganhar a sua vida e por ser independente, toma uns ares agressivamente masculinos, autoritários, cheios de importância, que em vez de a elevarem a tornam extremamente desagradáveis e quasi ridícula. A mulher superior, a que é verdadeiramente inteligente, deve ser sempre modesta e nunca deve tomar para com as outras senhoras e para os homens ares de superioridade que só a podem colocar num campo falso e antipático. Diz-se que em geral os homens preferem as mulheres estúpidas. Eu não posso acreditar nisso, porque é sempre desagradável a companhia duma pessoa estúpida, e sobretudo, quando se trata de escolher a companhia de tóda a vida, não creio que haja homem nenhum que prefira ter a seu lado, como sua companheira, como mãe de seus filhos e sua futura educadora, uma mulher estúpida. Pensar e acreditar que tal é o desejo dos homens, é uma

coisa absurda. O que éles naturalmente temem e eu acho, que com muita razão, é a mulher falsamente inteligente, a mulher cheia de vaidade que se torna insuportável seja a quem fór, ao fim de alguns momentos de conversa.

A mulher que supõe que marca a sua superioridade, discutindo tódas as opiniões e querendo impôr as suas, como as melhores a tóda a gente. Essa mulher, pode ter um curso, pode ser muito instruída, ter estudado muito, mas não é uma mulher profundamente inteligente. A verdadeira inteligência manifesta-se na mulher por compreender, que deve através de tudo conservar a sua índole feminina ser agradável, discreta, concordante e, sobretudo, modesta. Fazer com que as outras notem a sua inteligência, sem que ela a grite por todos os lados e a queira impôr a tóda a gente. Ainda não há muito conheci no exercício das suas funções uma senhora médica, que me deixou uma verdadeira impressão do que deve ser a mulher que tem uma profissão e que é verdadeiramente inteligente. Dóce, suave, compreensiva, duma modéstia encantadora, duma grande bondade natural. Tóda a mulher ganha em ser modesta, e em geral tóda a mulher é vaidosa. Mas a vaidade da beleza, da elegância, não ofusca o homem e não o afasta. A vaidade da inteligência, é que sem dúvida lhe é extremamente antipática e sente-se agredido com essa vaidade. E eu quasi lhe dou razão, porque há mulheres actualmente, que tomam um aspecto de Larrouse ambulante que é profundamente desagradável. É pois para desejar que a mulher portuguesa não perca as qualidades de doçura, de modéstia e de suavidade que a tornaram encantadora e que através das modificações da vida actual, conserve o dom de ser mulher, de ser dona de casa, de ser esposa dedicada e mãe extremosa, que fizeram sempre da nossa mulher, uma companheira ideal que a cultura, mais encantadora deve tornar.

Maria de Eça.

A moda

DEFINIDA e assente a moda continúa a sua triunfal carreira.

Em todas as «toilettes» ha uma nova nota que mais se acentua nos vestidos de noiva. A nota interessante dessas «toilettes» este ano é um pouco de ouro, que nos tecidos «lamés» ouro e branco tem um aspecto rico e brilhante. Damos hoje um lindissimo modelo de vestidos de noiva.

O vestido é em «lamé» e o véu é em tule de ouro. Cortes em triângulo tiram ao corpo do vestido a extrema severidade que a alta gola lhe dava. «Godets» em plissado dão á frente da saia um gracioso movimento. A cauda também plissada sai de dois panos desde a cintura e dá ao vestido uma linha de encantadora gracilidade. O véu dourado cai em harmoniosas pregas, desde o toucado de perolas até ao fim da cauda. O ramo de açucenas dá a nota de frescura a esta elegantissima e sumptuosa «toilette» de noiva. Uma coisa indispensável no enxoval duma mulher elegante é hoje um pijama. Sentindo a



sua importância entendemos que seria interessante para as nossas leitoras, terem um interessante modelo de um pijama elegante. Assim têm hoje um lindo pijama em setim verde alface, guarnecido a lindas rendas de cor crua, que formam os «godets» das calças e guarnecem também o corpo e as mangas. Como pijama é tudo o que ha de mais elegante e «chic». Para a noite temos um lindo vestido em «crêpe» macio que cai maravilhosamente numa cor entre a chama e o vermelhão, a originalidade deste vestido está bem marcada, na «écharpe» guarnecida a franja, que o acompanha até á borda da saia. É um modelo de alta elegância, que causou sensação numa das melhores casas de New Bond Street. Como vestido pratico apresentamos ás nossas leitoras um precioso modelo em diagonal de lã.

É usado com grande distinção por «miss» Heather Thatler. Do azul da moda é guarnecido a botões e fivela de «galalith». O chapéu e o saco são na mesma fazenda e formam um encantador conjunto. Como abafa pratico, próprio para desporto, para automóvel, para uma saída de manhã temos um lindo casaco em grossa lã escossesa, do mais pratico uso. Vai bem com todos os vestidos e com todas as cores e é de grande agasalho. Evita o fôrro porque é de fazenda dupla o que o torna extremamente agasalhado e ao mesmo tempo leve, dum uso da maior comodidade, o que é muito útil nos agasalhos deste género que devem deixar a maior liberdade de movimentos.



O alcool

NENHUMA doença se cura com o alcool. Durante muito tempo acreditou-se na acção estimulante do alcool na medicina. Mas a nossa geração estudou especialmente a acção do alcool nas faculdades mentais e no corpo do homem. O alcool não estimula, mas enfraquece; dá uma ilusão de vigor que não existe. Uma datilógrafa tentou beber alcool antes do seu trabalho. A sua actividade diminuía e escrevia com menos rapidez, cada vez que bebia. Pode fazer-se a experiência com os jogadores de «tennis», aquele que bebe um único copo de cerveja, perde com certeza a partida. Os alpinistas, os empregados ferro-viários, os automobilistas devem também abster-se. E também aqueles que exigem ao seu cérebro trabalho. No tempo dos nossos avós, quasi todos os médicos prescreviam o alcool; cada médico tinha um licor ou um vinho favorito. Se o alcool tivesse verdadeiramente e por si próprio um valor, poderia dar-se num pouco de água e evitar que o doente bebesse um copo. Durante muitas gerações o alcool foi considerado um tónico do coração e dava-se também contra as mordeduras das serpentes. Em vez de estimular o coração, o alcool enfraquecia-o e aumentava assim o perigo da morte. As estatísticas inglesas demonstram que o uso, ainda que moderado, do alcool pode abreviar a vida de três ou quatro anos.

Os hospitais da América do Norte, adaptaram o sistema de suprimir as bebidas alcoolicas, na alimentação dos doentes. Deve fazer-se uma propaganda bem feita demonstrando até que ponto se devem beber as bebidas alcoolicas. As mulheres prejudicam por completo a sua beleza se fizerem um grande uso de bebidas alcoolicas



É preciso lutar contra velhos hábitos. Os médicos e os moralistas são quasi todos contrários ao alcool, e dentro duns dez anos, devem obter o resultado que desejam de evitar os excessos das bebidas alcoolicas.

Uma casa original

Foi construída uma casa com jornais. A notícia vem da América. Os conjugues Steeman, no Massachussets, juntaram durante dois anos, jornais guardando os deles e os de todos os seus amigos. Eles tinham escolhido perto do mar num sitio de rochedos um pouco abrigado do vento, e, foi ali que um carpinteiro levantou uma armação da casa e colocou o pavimento a poucos centímetros do chão. As janelas foram construídas também por elle. As paredes externas e internas foram construídas com numerosos jornais colados uns sobre os outros e formando uma forte espessura, que foi coberta com duas camadas de verniz. O mobiliário foi feito da mesma maneira. Os jornais estendidos no chão eram enrolados muito apertados a fingir troncos de árvore mais ou menos grossos bem colados e duas vezes envernizados tomavam a rigidez e a dureza da madeira. Foi fácil depois reuni-los e fazer divans, cadeiras, mesas de estilo modernissimo, de linhas simples. Mrs. Steeman teve também a fantasia, uma fantasia que neste caso era um luxo, de usar para a sua escrivaninha, apenas jornais que falassem de Lindberg. E eis uma maneira original de ter uma casa.

O enjão

Até hoje o enjão era considerado um dos males mais incómodos. Recentemente em Seviensmunde, appareceu nos jornais um anúncio, que convidava a apresentarem-se numa Agência de Navegação todos os que não podem entrar num vapor sem enjoar.

Em Berlim existe uma comissão de médicos, que fazem as possíveis investigações para eliminar este mal estar. Pergunta-se se os vários remédios inventados têm um efeito seguro e decisivo? para responder a estas perguntas foi preciso fazer várias experiências. Os professores para esse fim tiveram todo o verão dois navios á sua disposição, que todas as tardes partiam de Seviensmunde para dar uma volta no Mar Báltico, que é sempre agitado. Os corajosos que aceitavam de sofrer pela humanidade ou para ganhar qualquer marco serviam para as experiências. Experimentavam-se neles vários remédios. Isto tornou-se um atrativo da pequena cidade balnear. Os curiosos juntavam-se ao pôr do sol na praia para ver os passageiros que desembarcavam. Se alguns tinham uma palidez livida considerava-se a experiência falhada. Se em vez disso rosados e sorridentes a experiência tinha sido feliz. Já se falava em pôr no farol de Suvienesmunde um totalizador para as apostas.

Fumadores

SIR Walter Raleigh não foi o primeiro fumador de tabaco. Na Espanha pode citar-se antes d'elle o nome de Rodrigo de Jerez, que fez parte da expedição de Cristovão Colombo á América. As aventuras de Rodrigo de Jerez, foram singulares. Quando voltou da América, tinha tomado o hábito de fumar o tabaco, de que levava consigo uma grande quantidade de folhas. Mas a mulher assustada ao ver o fumo sair da boca e do nariz do marido, ou simplesmente contente de encontrar um pretexto para se ver livre d'elle correu a denunciá-lo á Inquisição. Frei Tomaz de Torquemada, de célebre memória não brincava com as fantasias do demónio persuadido



que Rodrigo estava possuído do démo prendeu-o e fez purificar a casa. Quando o desventurado companheiro de Colombo saiu do cárcere, onde tinha meditado dez anos, sobre os inconvenientes de ser um percursor, o hábito de fumar começava a espalhar-se por toda a Europa. O martírio daquele primeiro fumador merecia ser comemorado. A cidade Natal de Rodrigo, Ayamonte, na provincia de Huelva deu o seu nome a uma rua. E não há muito que o «ayuntamiento» de Ayamonte pediu á Companhia de Tabacos Espanhola de fazer as despesas de colocar uma lápide de mármore na casa onde viveu o desventurado Rodrigo.

A bandeira americana

ELA pode dizer-se que é a antepassada da tricolor francesa, e, tem mais de cento e cincoenta anos, anos de vida. O primeiro Congresso dos Estados Unidos decidiu a sua criação em 1776, mas a primeira tinha apenas riscas. Washington explicava o significado da bandeira, assim. Tomámos a cor do céu, e o vermelho da mãe pátria «Inglaterra» dividimo-las com riscas brancas para mostrar, que estamos separados dela. Estas riscas passarão á posteridade como simbolo de liberdade. Quando nasceu a república americana os estados que a compunham eram treze assim tinham treze riscas, 6 brancas e 7 vermelhas e 13 estrelas. Mas pouco a pouco outros estados se uniram, o campo azul aumen-



to e hoje tem 48 estrelas. Existe uma graciosa lenda sobre a criação da bandeira. Em 1777 vivia em Filadélfia uma bela tecedeira, Betsy Roos, que gosava da fama de ter bom gosto. Washington em pessoa, foi procurá-la e expôs-lhe a idéia simbólica, que ele queria de riscas e estrelas. Mas como pôr juntos elementos tão diferentes? A bela Betsy dispôs as riscas vermelhas e brancas e na parte superior, colocou um quadrado azul, sobre o qual dispôs as 13 estrelas de cinco pontas. O efeito era magnífico e a bandeira estava criada.

Higiene e beleza

MUITAS leitoras se queixam de sofrer de acné e de pontos negros na cara. Em geral estas enfermidades têm a sua origem no mau estado dos intestinos, e é necessário fazer uma dieta. Devem evitar-se as gorduras e o excesso de carne na alimentação. Os peixes azues e raimosos devem ser postos de parte, assim como o uso de chá, café e bebidas alcoólicas. De manhã em jejum deve tomar-se uma colherinha de mel com enxofre, que é muito útil para os intestinos. Na cara deve aplicar-se a seguinte loção: Borato de soda 5 gramas, Glicerina 50 gramas, Alcool 50 gramas, Agua de rosas 50 gramas. De manhã e á noite passa se demoraadamente um algodão na cara.

Ao fim duma semana de tratamento já se nota a diferença, mas não se abandona logo o tratamento porque a persistencia têm uma grande influencia nos tratamentos. Começar hoje um

e amanhã outro é um erro, porque se não pôde assim vêr o efeito do tratamento.

Receitas de cozinha

Perdiz de escabeche. — Depena-se e limpa-se bem a perdiz e põe-se numa caçarola com cenouras, cebola picada, um dente de alho esmagado um pouco de salsa, uma folha de louro, sal e uma chicara grande de azeite frito. Com tudo isto refoga-se até estar dourada. Depois deita-se um golpe de vinho branco e outro de vinagre e um pouco de caldo e tapa-se com um papel branco e em cima a tampa e deixa-se coser a fogo brando. Logo que a perdiz está tenra tira-se e passa-se por um coador o molho, para o clarificar. Depois derrete-se gelatina, uma fôlha ou duas, mistura-se com o molho e deita-se-lhe por cima. E assim se pode conservar o tempo que se quizer.

É um prato finíssimo para uma ceia, para um «lunch» de festa e muito prático para um «picnic» quando no verão se organisa um passeio.

A mesa

A elegancia não está só nas «toilettes», a casa tem de ser elegante e sobretudo na mesa se conhece a mulher dum gosto requintado. Damos a gravura duma linda mesa em casa da condessa de Lachs. A grande toalha em seda artificial cor de rosa muito brilhante e ornada de desenhos brochados em branco. Os pratos são em «vermeil» e os copos de cristal são guarnecidos com um filete prateado. O tom das rosas da mesma cor da toalha, completa este conjunto, duma tão luxuosa harmonia. O luxo não basta, é necessário que haja um verdadeiro gosto para que a mesa tenha o ar acolhedor e atraente. A elegancia consiste na beleza, no luxo e na simplicidade.

Vida romantica

A princesa Paley muito conhecida da alta sociedade parisiense teve uma vida cheia de tragicas aventuras. Olga Valeria Karnowich, nasceu em Petrogrado em 14 de Dezembro de 1865. Divorciada do conde Eric de Pistholkaro, casou em Livorno morganaticamente com o grão-duque Paulo da Russia, tio do czar Nicolau II. O grão-duque foi preso e em seguida morto pelos bolchevistas, assim como o seu filho mais velho Wladimiro Paley. Além deste filho tragicamente morto, tinha duas filhas. A princeza Irene, casada com o principe Teodoro da Russia e a princeza Natalia, casada com o escritor Luciano Lelong. Ela teve a grande dôr de conhecer o tragico fim dos seus, e, as circunstancias que acompanharam a fuga da desventurada princeza, quando abandonou a Russia foram das mais cruéis. Com o coração dilacerado sabendo a morte horrivel do marido e do filho, durante semanas escondida por cabanas e campos, ela conseguiu escapar aos seus perseguidores. A princeza publicou um livro de memórias, impressionante, sobre a revolução russa e os tristes episodios dos quais foi vitima. Passou os últimos anos da sua vida em Paris fazendo constantemente bem,aju-

dando sem limites os seus compatriotas pobres e exilados e vivendo para a recordação dos entes queridos, que lhe foram tão barbaramente arrancados e cujo martirio nunca se apagou um instante da sua memória, apesar dos carinhos das filhas, que até nos seus ultimos momentos nunca a abandonaram.

Esta senhora, que morreu como uma santa teve na sua vida lances que num romance, nós acharíamos exagerados. Mas há na vida romances bem mais extraordinarios do que aqueles creados pela fertil imaginação dum escritor.

De mulher para mulher

Jeannete: E porque não? Acho que faz muito bem dedicando-se a um estudo pratico, que lhe pode vir a ser muito útil no decorrer da vida. A mulher hoje em dia tem de estar preparada para todas as eventualidades. Use um pó de arroz rachel, é o que menos se conhece.

Marietta: Nesses casos pedem-se sempre conselhos e faz-se apenas o que o coração indica. Se éle é bom rapaz e lhe agrada e vê que as suas intenções são sérias, acho que não deve hesitar, mas se não lhe agrada, não aceite, porque da pressa de casar é que vêm muitas infellicidades.

Mãe preocupada: Acho cêdo para essas preocupações. Eduque desde já o seu bebê, não o deixe ter teimas e vá desde pequenino formando-lhe o carácter e não tenha preocupações. Porque há-de supôr que éle venha a ser mau e não o há-de imaginar bom?

Baby: Faça o vestido em setim castanho e o casaco em lã da mesma cor com uma bonita gola de pele. O chapéu em feltro.

Pensamentos

Prometer é uma coisa, cumprir é outra.

A lisonja agrada e conquista os espiritos.

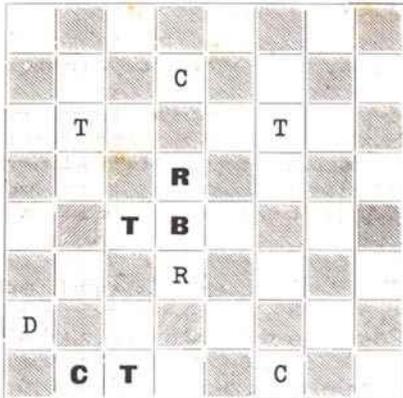
Todos acreditamos firmemente, aquilo que tememos ou o que desejamos.

(La Fontaine).



Problema de xadrez

por S. Herland, de Bucarest (1910)



As brancas jogam e forçam as pretas a dar mate em 6 lances.

Bridge

Espadas — — —
Copas — 9, 6.
Ouros — 2.
Paus — 4, 3, 2.

Espadas. — R. D. V. **N** Espadas. — A.
Copas. — — — **O** Copas. — 7.
Ouros. — R. D. **E** Ouros. — A.
Paus. — 9. **S** Paus. — V, 10, 7.

Espadas. — 2.
Copas. — A. 8.
Ouros. — — —.
Paus. — R. 8, 5.

Trunfo é copas. S joga e faz cinco vasa.

(Solução do número anterior)

A dificuldade consiste em passar a mão a N de modo a poder libertar os seus ouros pequenos, baldando-se S a duas cartas de ouros sobre o valete de espadas e a dama de copas.

S entra com o az de ouros. Se E deitar uma carta pequena de ouros sobre esse az, o problema resolve-se facilmente, porque a segunda jogada S dá a mão a E voltando a jogar ouros, e este último é, por sua vez, obrigado a dar a mão a N, quer jogue espadas, copas ou uma carta pequena de paus. Se jogar o rei de paus, S pega com o az e dá, em seguida, a mão a N tornando a jogar paus.

Mas as dificuldades começam-se E deitar o seu rei de ouros de baixo do az de ouros. Nesse caso, a segunda vasa, S joga o valete de paus. Se E pegar com o rei, é obrigado, na jogada imediata a dar a mão a N e fica resolvido o problema.

Se, pelo contrário, ele não pegar com o rei de paus, S joga, na sua terceira vasa, o az de paus, depois dá a mão a O, jogando o 8 de ouros, e O vê-se obrigado a jogar espadas ou copas.

Em todos os casos previstos, os parceiros E e O só fazem uma vasa, quer seja o rei de ouros ou rei de paus ou o 10 de ouros.

Em que sexo ha mais criminosos?

Pelas estatísticas publicadas, na Austria, as mulheres dadas ao crime são em menor número que os homens; em França, a proporção é de uma mulher para cada cinco criminosos do outro sexo; nos Estados Unidos, uma mulher por cada doze homens delinquentes; na Itália e na vizinha Espanha, a proporção é menor ainda; finalmente na Inglaterra o número de criminosos é igual nos homens e nas mulheres.

PIM DE PESTA



Sem levantar a pena do papel



O macaco e o rato

Livros novos

De entre muitos livros que ultimamente temos recebido, aos quais oportunamente nos referiremos mais de espaço, queremos salientar nesta pequena notícia o que a sr.^a D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes publicou, com o título de «Na luta anti-tuberculosa», onde se relata o que foi a campanha encetada por aquela ilustre senhora a favor da «peste branca» e o que o dr. Carlos de Passos lançou a público intitulado «Lamego na arte nacional». Trata-se da publicação duma conferência realizada naquela cidade — no Club Lamecene — em dezembro de 1932, onde aquele ilustre sócio da Academia de História de Madrid estudou a origem da formosa cidade do Douro e as belezas que ela encerra.

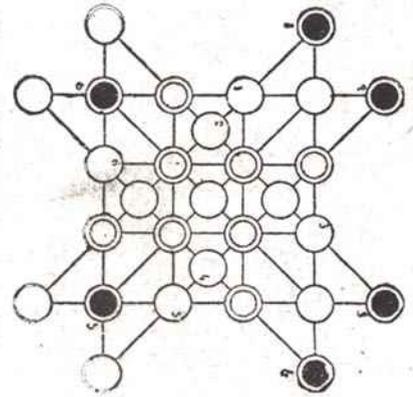
O espírito inglês



A pequenita (que fôra desencantar um jornal ilustrado, parisiense, ao lugar onde elle estava escondido): — O miuzinha, a onda do color tem sido medonha em França! As senhoras só têm usado chapéus e sapatos. — (Do «Punch».)

Mudança de pedras

(Solução)



A figura junta dá a solução deste problema e indica as seis novas casas para onde as seis pedras deviam ser transportadas.

Os fastos Joaninos

(Continuação da pág. 7)

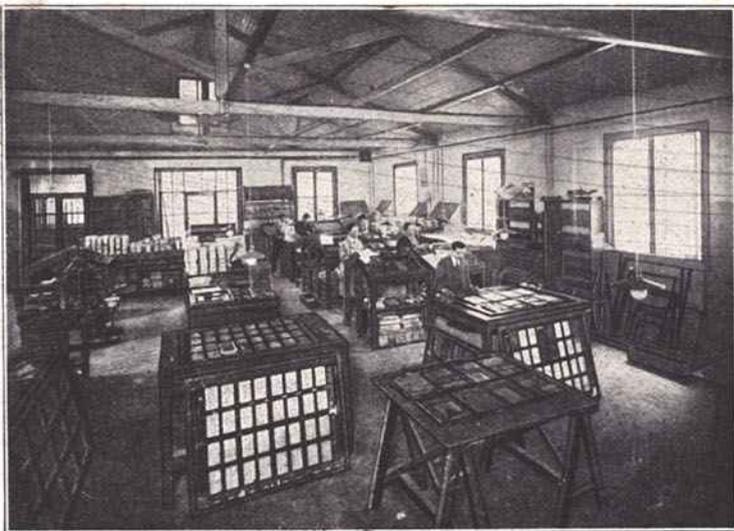
Roma mais magnifica, de sorte que o seu generoso espirito, impossibilitou aos mais ministros de diversas corôas, a fazerem entrada publica na Cidade dos Papas, pois passado esta, não se deu outra alguma naquela Curia.

Lisboa, então a «Côrte dos Palácios», recebeu a retribuição de todos êsses esplêndidos actos officiaes e viu chegar até junto dos degraus do adulado trono joanino, muitas importantes embaixadas. Destas, tornaram-se notáveis a do Bispo de Lubiana, depois Arcebispo de Braga, Embaixador do Império; a do Conde de Stampa, Enviado Extraordinário de Carlos III; a do Marquês Domingos de Capecêlatro; a do Grão-Mestre da Ordem da Cavalaria de Malta, D. António Manuel de Vilhena, que trazia como Encarregado o famoso Freire Venceslau, Conde de Harrach, General das Galés da Religião, e Balio e Comendador da mesma Milícia; a do Marquês de los Balvases; a dos três Embaixadores do Rei Teocoso de Tulanac, o mais poderoso soberano da grande Ilha de S. Lourenço, os quais, para se irem alojar em aposentos luxuosamente preparados na Casa Professa de S. Roque, o monarca mandou buscar a bordo, pelo seu Manteiro-mór João de Seixas, nos mais ricos coches reais.

Finalmente, gozando da estima e do respeito de todos os reis da Europa, de muitos imperadores da Asia, e de vários régulos da Africa, e fruindo privilégios especiais do Pontificado, por haver, com a sua potente armada, vencido um dos mais irredutíveis inimigos da Cristandade, fácil foi a D. João V, Rei de Portugal, com o seu reconhecido tacto político e a acção do então inegalável corpo diplomático lusitano, tornar-se o árbitro do Mundo, como ficaram lembrando á posteridade, estas rimas de Francisco Botelho:

Roma, de quen fue trono el mundo intero,
Buscó tu auxilio en riesgo furibundo,
I fueste con tu armada, oh real guerrero!
Árbitro de los arbitros del Mundo.

E. Raposo Botelho.



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do paiz e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

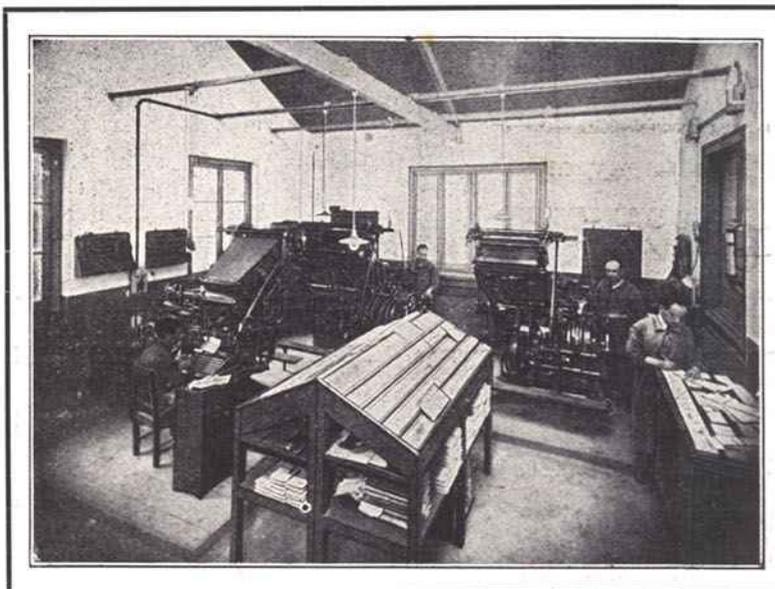


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

ORÇAMENTOS GRATIS

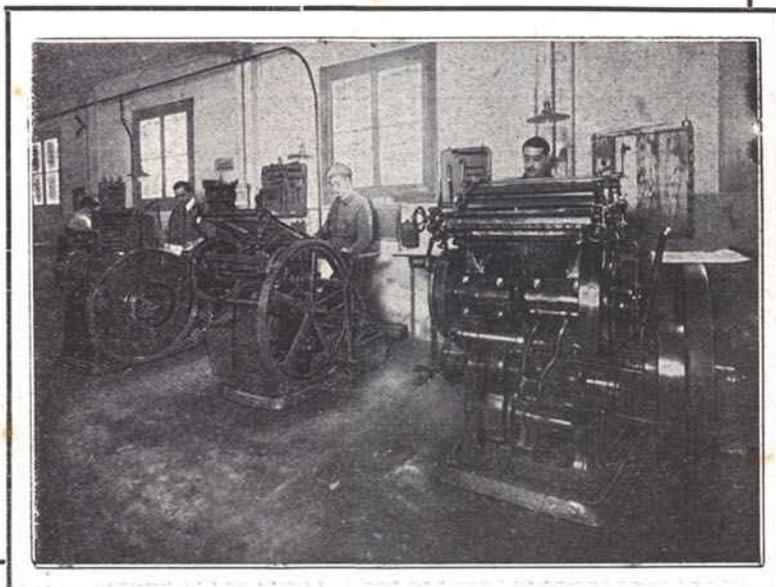


Oficina de composição mecânica



É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUZA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PAULINO FERREIRA :: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, R. Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE

2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

DESENHO DE MAQUINAS

da Biblioteca de Instrução Profissional

1 volume de 344 páginas,
283 gravuras e 91 estam-
pas. Encadernado em per-
calina, Esc. 30\$00 — Pelo
correio à cobrança,
Esc. 32\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE 6.380 RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM 198 GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMESTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILLUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Taveira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina
Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o **SEXO FORTE**

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriastra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diário de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diário de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugertarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, allás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excellentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{ma} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	9\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	3\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
2—A RODA DA LUA, 1 vol.
3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:
4—1.ª parte—Os ingleses no Polo Norte. 1 vol.
5—2.ª parte—O deserto de gelo. 1 vol.
6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
7—AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES, 1 vol.
8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:
9—1.ª parte—América do Sul. 1 vol.
10—2.ª parte—Austrália Meridional. 1 vol.
11—3.ª parte—Oceano Pacífico. 1 vol.
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:
12—1.ª parte—O homem das águas. 1 vol.
13—2.ª parte—O fundo do mar. 1 vol.
A ILHA MISTERIOSA:
14—1.ª parte—Os naufragos do ar. 1 vol.
15—2.ª parte—O abandonado. 1 vol.
16—3.ª parte—O segredo da ilha. 1 vol.
MIGUEL STROGOFF:
17—1.ª parte—O correio do Czar. 1 vol.
18—2.ª parte—A invasão. 1 vol.
O PAÍS DAS PELES:
19—1.ª parte—O eclipse de 1860. 1 vol.
20—2.ª parte—A ilha errante. 1 vol.
21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
22—AS ÍNDIAS NEGRAS, 1 vol.
HEITOR SERVADAC:
23—1.ª parte—O cataclismo cósmico. 1 vol.
24—2.ª parte—Os habitantes do cometa. 1 vol.
25—O DOUTOR OX, 1 vol.
UM HERÓI DE QUINZE ANOS:
26—1.ª parte—A viagem fatal. 1 vol.
27—2.ª parte—Na África. 1 vol.
28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
A CASA A VAPOR:
31—1.ª parte—A chama errante. 1 vol.
32—2.ª parte—A ressuscitada. 1 vol.
A JANGADA:
33—1.ª parte—O segredo terrível. 1 vol.
34—2.ª parte—A justificação. 1 vol.
AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:
35—1.ª parte—A descoberta da terra. 1.º vol.
36—1.ª parte—A descoberta da terra. 2.º vol.
37—2.ª parte—Os navegadores do século XVIII. 1.º vol.
38—2.ª parte—Os navegadores do século XVIII. 2.º vol.
39—3.ª parte—Os exploradores do século XIX. 1.º vol.
40—3.ª parte—Os exploradores do século XIX. 2.º vol.
41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
42—O RAIO VERDE, 1 vol.
KÉRABAN, O CABEÇUDO:
43—1.ª parte—De Constantinopla a Scutari.
44—2.ª parte—O regresso. 1 vol.
45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.
MATIAS SANDORFF:
47—1.ª parte—O pombo correio. 1 vol.
48—2.ª parte—Cabo Matijoux. 1 vol.
49—3.ª parte—O passado e o presente. 1 vol.
50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
NORTE CONTRA SUL:
53—1.ª parte—O ódio de Texar. 1 vol.
54—2.ª parte—Justica! 1 vol.
55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
DOIS ANOS DE FÉRIAS:
56—1.ª parte—A escuna perdida. 1 vol.
57—2.ª parte—A colónia infantil. 1 vol.
FAMILIA SEM NOME:
58—1.ª parte—Os filhos do traidor. 1 vol.
59—2.ª parte—O padre Joan. 1 vol.
60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
CÉSAR CASCABEL:
61—1.ª parte—A despedida do novo continente. 1 vol.
62—2.ª parte—A chegada ao velho mundo. 1 vol.
A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:
63—1.ª parte—A procura dos naufragos. 1 vol.
64—2.ª parte—Deus dispõe. 1 vol.
65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
66—EM FRENTE DA BANDEIRA
A ILHA DE HÉLICE:
67—1.ª parte—A cidade dos bilhões. 1 vol.
68—2.ª parte—Distúrbios no Pacífico. 1 vol.
69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
A ESFINGE DOS GELOS:
70—1.ª parte—Viagens aos mares austrais. 1 vol.
71—2.ª parte—Lutas de marinheiro. 1 vol.
72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
O SOBERBO ORENOCO:
73—1.ª parte—O filho do coronel. 1 vol.
74—2.ª parte—O coronel de Kermor. 1 vol.
75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
79—O FAROL DO CABO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA